

Três por Quatro

3X4

UM PANORAMA DA MÍDIA GAÚCHA

+ ENTREVISTA COM MARCELO RECH
+ CLÓVIS OTT + BONECOS
+ VIAGENS + LIVROS



<http://www.3por4.cjb.net>

Porto Alegre, junho de 2000



EDITORIAL

Qual é a semelhança entre o 3x4 e a nota da Fabico no Provão? Ambos têm a mesma origem: nós, a turma de formandos de jornalismo de 2000/2. E ambos se propõem a avaliar o conhecimento adquirido na sala de aula, mas o refletem muito pouco. Tanto o exame do MEC quanto o jornal laboratório são demonstrações do que nós aprendemos no mercado de trabalho.

O Provão deste ano, por exemplo, questionou os estudantes sobre a Lei da Mordaza e o jornalismo online. Tais assuntos, como formulados no exame, nunca foram tratados nas salas de aula da Fabico, mas boa parte dos alunos soube responder à pergunta. Esses temas, que são ignorados pelo curso de graduação, fazem parte do dia-a-dia de quem trabalha ou faz estágio em alguma empresa. A faculdade, que não ensinou nada disso, pode acabar levando uma boa nota em cima das nossas experiência individuais.

O 3x4, como o Provão, também deveria ser um espelho da faculdade. Tudo que se aprendeu nos três anos de curso seria exposto aqui. Novamente, o jornal apenas demonstra o que nós conquistamos em redações, assessorias e escritórios. Portanto, não se engane: isso não é um jornal da Fabico. É apenas um produto de pessoas que se encontram por aqui.

Para inverter esse quadro, uma reforma curricular é bem-vinda. Seria muito mais interessante ter o 3x4 no começo do curso, quando os alunos podem experimentar à vontade, sem vícios de mercado, e têm o devido tempo para se dedicar a ele. O jornal laboratório, nos moldes atuais, é um produto pouco pensado, como tudo que é feito em fim de curso.



Quando assumi a cadeira Redação Jornalística IV, na qual é editado o 3x4, imaginei um determinado tipo de jornal. Sei que, durante as férias, alguns alunos estiveram reunidos discutindo diversas possibilidades editoriais. Nenhuma delas vingou. Nossos sonhos quase nunca batem com a realidade. Este número do 3x4 não é o jornal imaginado por mim: inteiramente laboratório, experimental em todos os sentidos. E, certamente, não corresponde a alguns dos projetos idealizados, por um ou outro grupo de alunos. Este 3x4 é o jornal que foi possível, resultante de um semestre real, onde ficam expostas nossas fisionomias. Estão espelhadas algumas de nossas qualidades, assim como muitas de nossas dificuldades. Todo o processo de elaboração realçou, de forma clara ou confusa, muitas vezes conturbada, as nuances resultantes da dificuldade que é juntar 25 pessoas, num semestre de 18 encontros, sendo um a cada semana. Considerando-se ainda como realidade, bem concreta, o fato de que a grande maioria está, cotidianamente, envolvida com o exercício profissional e/ou com a elaboração da monografia de conclusão do curso. Em outras ocasiões, apontamos para a necessidade da inserção desta disciplina e de

outras em semestres anteriores.

Assim mesmo, ocorreram significativos avanços. O principal deles, sem dúvida nenhuma, foi a inteira liberdade desfrutada por todos, a partir do estabelecimento de um determinado consenso mínimo, proporcionando, até mesmo, a oportunidade de errar. Nesse sentido, foi um laboratório e foi também experimental. Propositadamente, não exerci o "direito professoral" de "ensinar jornalismo", mas tenho a plena convicção de que transmiti algumas idéias marcantes, muitas delas passadas a mim por velhos profissionais, com os quais convivi durante 17 anos em diversas redações.

Diante de alunos tímidos, inseguros, seguirei pregando e incentivando a necessidade de serem um pouco arrogantes; e diante de alunos arrogantes e absolutamente seguros de suas verdades continuarei pregando a importância de uma certa humildade. Quero aprender um pouco mais sobre jornalismo-e-a-vida com cada um de meus alunos. A sinceridade é tudo. Com a mesma garra e espírito libertário já imagino o próximo 3x4. Adoro sonhar, mesmo que a realidade me contrarie.

WLADYMYR UNGARETTI

Visite: <http://www.3por4.cjb.net>

EXPEDIENTE...

Editora-chefe: Isabel Marchezan

Sub-editores: Daniella Peretti, Gil Cafrune Gosch, Daniel Gallas, Leandro Rodrigues, Rodrigo Müzell

Projeto gráfico: Vinícius de Oliveira Lobato

Editoração eletrônica: Gabriela C.

Bernardes Escobar, Luana Bueno e Vinícius de Oliveira Lobato

Reportagem: Adriana Timmers, Ana Regina Fritsch, Angelita Kasper, Camila Vital Menegaz, Daniel Gallas, Daniella Peretti, Eliângela Paim, Emiliano Urbim, Filipe Maia, Francisco Amorim, Gil Cafrune Gosch, Isabel Marchezan, Leandro Rodrigues, Maria Teresa Wassermann, Marcus Vinícius Pereira, Rodrigo Müzell, Sabrina Thomazi, Sandra Chelmicki, Sebastião Ribeiro

Fotografia: Gil Gosch e Angelita Kasper

Ilustração: Vinícius de Oliveira Lobato

Revisão: Rodrigo Müzell, Isabel Marchezan e Camila Menegaz

Secretaria gráfica: Gil Gosch

Orientação: professor Wladimir Ungaretti

O 3x4 é uma publicação experimental da disciplina de Redação IV do curso de jornalismo da UFRGS.

ENTREVISTA...

Por Isabel Marchezan, Ana Regina Fritsch,
Emiliano Urbim e Sil Gosch
Fotos Sil Gosch



MARCELO RECH QUER SER REPÓRTER



Rech tem 40 anos, e é um dos mais jovens diretor de redação que o jornal Zero Hora já teve. Ele não aparenta esse fato em nenhum momento, no entanto. A barba cerrada, o olhar sério, o sorriso desajeitado e a dura postura contribuem para isso. Sempre seguro em suas respostas e perguntas (sim, ele fez muitas), o homem que decide a capa do maior jornal do sul do país convence ou pelo menos busca convencer quem o entrevista de que tem o controle sobre os 200 jornalistas que comanda. Formou-se em 1981 na Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (FABICO) da UFRGS e trabalha na Zero Hora desde 1988 (tendo passado alguns meses lá em 1985). Escolhido para substituir o polêmico Augusto Nunes no ano de 1996, Rech passou do dia-a-dia movimentado e eletrizante de um repórter

que até guerra cobriu para a rotina movimentada e monótona da redação, de onde raramente sai nos dias de hoje. Nem sempre muito preciso em suas respostas, atrapalha-se em sua própria objetividade, mas nunca diz o que não quer. Não se trai por perguntas formuladas para que ele se traia, nem cai em armadilhas em que cairia outro jovem diretor de redação.

Nesta entrevista, feita dias antes do lançamento do Diário Gaúcho, mais precisamente em 12 de abril, Rech fala sobre as características do novo veículo da RBS, o cotidiano da redação de ZH e responde questões que atormentavam os estudantes de comunicação pelo Rio Grande afora.

3x4: Com a chegada do Diário Gaúcho, a Zero Hora vai mudar o enfoque, ou vai deixar de cobrir alguma coisa? Muda alguma coisa na ZH?

Rech: Acredito que nós vamos deixar de fazer algumas coisas por causa do Diário Gaúcho. Há poucos dias, nosso comentarista de música, Marcelo Ferla, teve uma oportunidade de fazer uma entrevista com a Roberta Miranda, a musa dos caminhoneiros. Quem faria, nós ou o DG? Boa pergunta. Ela é, em tese, o perfil do DG, e não tanto o perfil ZH. Faz quem for dar melhor. Se a ZH, dentro de uma avaliação da editoria do Segundo Caderno, decidir que, "pô, queremos uma capa do Donna com Roberta Miranda, porque nós achamos que ela é o máximo, blá, blá, blá", nós fazemos a matéria.

3x4: Seria, digamos, um trabalho em conjunto dos editores?

Rech: Nós temos alguns vasos comunicantes, o DG tem acesso à produção diária de ZH, e eles vão saber o que nós estamos fazendo. Não vamos mandar dois repórteres pra cobrir a coletiva da Roberta Miranda.

3x4: E quanto à ZH, por que o jornal adotou o conselho do leitor e não tem um ombudsman, que seria bem mais crítico?

Rech: Boa pergunta. Eu conheço mais ou menos bem a experiência com ombudsman, da Folha de São Paulo. O que acontece na prática é que o ombudsman passa a ser quase boicotado pela redação. O problema das redações é ver o leitor como um chato que atrapalha a tua vida. O leitor atrapalha, ele cobra, ele liga, ele diz que tá errado, sugere coisas absurdas... Na ZH, há uns 6 ou 7 anos, mais ou menos, nós viemos trabalhando internamente um conceito de atender bem aos leitores. Pra quem nós trabalhamos? Quem é o nosso patrão? Não é a RBS, é o leitor. Se ele é indiferente a mim eu tô roubado, ele que é meu seguro-emprego. Então, criamos uma editoria de atendimento ao leitor, que foi criada com jornalistas. A redação inteira está engajada em atender o leitor, em respeitar o leitor e em defender as posições do leitor. Inclusive diante de suas chefias. Quando tem um ombudsman, o que acontece geralmente dentro das redações: a responsabilidade de atender bem o lei-

tor, de cobrar e de respeitar, digamos assim, a posição do leitor, passa a ser do ombudsman. E a redação diz: tem um ombudsman que se encarrega disso, e entra em choque com ele. Erros são varridos pra baixo do tapete, e o ombudsman não consegue fazer nada. Um absurdo, porque é antiético isso.

3x4: Então o conselho é uma opção da ZH por ser eficaz e mais ético?

Rech: Não sei...o conselho não tem tanta relação com o ombudsman. A decisão de não ter um ombudsman é pra não criar a responsabilidade de apontar os erros para o ombudsman e acabar escondendo os nossos erros perante o grupo.

3x4: Antigamente era mais comum manifestações do sindicato dentro da redação, e havia uma política de não permitir esse tipo de manifestação. Qual a sua posição em relação a isso?

Rech: A minha posição é que a questão sindical não se dá dentro da redação, mas dentro da categoria. A redação de jornal não é local de manifestação sindical, nem de qualquer gênero. Acho que teve situações muito ruins no pas-

sado. Não se teve exatamente a dimensão de qual é o papel do conjunto de jornalistas em relação ao produto. É um papel de postura independente. A independência não é agir como magistrado absoluto. Em nenhuma hipótese, eu colocaria um decalque de partido ou de candidato no meu carro, e não é porque eu sou diretor de redação, já como repórter eu não faria isso. No meu carro não tem nem o símbolo do Touring. E isso não é ser isento, a isenção não existe. A independência é a capacidade de examinar a realidade sem conceitos prévios e sem deixar interesses pessoais, particulares, privados, secundários ou corporativos contaminar o testemunho do repórter, do observador. No colunismo é diferente. No colunismo, faz parte do estilo do Fernando Verissimo, atacar todo o dia o FHC, o neoliberalismo, como é parte do Barrionuevo atacar o PT, como é parte do estilo do Ruy Carlos Ostermann ser independente, como é parte do estilo da Rosane de Oliveira, editora de política, ser independente como colunista. Esta postura coincidiu com a vinda do Augusto Nunes pra cá.

Ele introduziu estes conceitos relativamente novos no jornalismo gaúcho. A sua principal ação foi acabar com o duplo emprego dos jornalistas. Tinha muita gente aqui dentro com dois empregos: assessor de imprensa e sub-editor, assessor de imprensa e repórter. O tráfego de influências era enorme.

3x4: Na época da campanha A Vida Por Todos os Lados, foram veiculadas anúncios com pessoas falando contra ZH. O fato destas pessoas estarem inseridas num espaço publicitário não implica em elas estarem fora do espaço editorial do jornal?

Rech: Não.

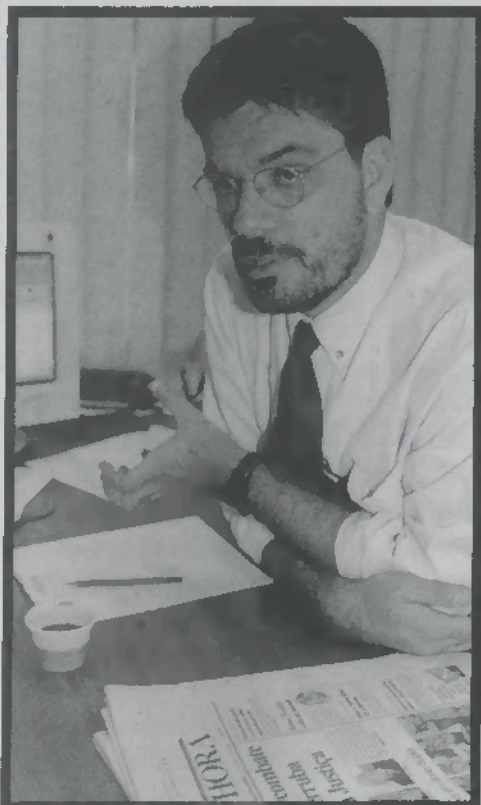
3x4: Por quê?

Rech: Várias das próprias pessoas que estavam criticando ZH figuram no jornal. A professora Christa Berger, por exemplo, era uma das entrevistadas de uma página central da revista ZH sobre os desejos para o ano 2000, não lembro bem de todas. Uma era ela, bem no meio da campanha. Alguém me perguntou se teria problema. Mas não é uma decisão do editor.

3x4: É verdade que tu foste contra esta campanha, em princípio?

Rech: Não, contra a campanha não, eu apresentei vários questionamentos, mas eu não fui contra. Pelo contrário, achei a campanha brilhante. Ela dizia tudo que a gente tinha vontade de dizer que a gente pratica, mas que politicamente era usado contra nós. Faz parte do projeto político, de uma parte do PT, pelo menos, encontrar na RBS um adversário que nunca houve. Então é uma maneira de mostrar, claramente, que as pessoas criticam a ZH. Acho que a idéia foi brilhante, ousada, muito ousada, e o questionamento que se fazia era se os leitores da ZH iam entender.

3x4: E entenderam?



Rech: Nos primeiros dias, muita gente ligou querendo a cabeça dos caras que estão falando mal da ZH. "Quem eles pensam que são?" Nós respondíamos: "Não mas é que isso é um anúncio da ZH", e eles: "Como, vocês enlouqueceram? Eles estão dizendo barbaridades, é um absurdo..."

3x4: Nunca foi feita nenhuma pesquisa pra saber porque existe essa crítica, porque tem essa implicância?

Rech: Eu acho que todo mundo tem maturidade suficiente na redação de ZH. Tem vários profissionais que saíram de ZH que estão no governo do Estado.

3x4: E o contrário também acontece? Porque são bons jornalistas..

Rech: Sim, ninguém precisa de atestado ideológico pra entrar aqui. Até deve ter gente que saiu da assessoria da prefeitura e entrou aqui. Todos querem, em todos os meios de comunicação: ferrar o meu adversário, e vale pra todos, até para os mais éticos. O padre quer que o jornal detone a igreja Universal do Reino de Deus e fale bem da igreja Católica. O cara do PT quer que o jornal detone o PMDB e vice-versa. A gente tem é que resistir a esses lobbies, que são naturais. Hoje, por acaso, 12 de abril, o Busatto publicou uma nota dizendo que "houve tentativa de transformação da prévia do PT em Porto Alegre na própria eleição municipal, blá, blá, blá...", criticando as oito páginas dedicadas no final de semana às prévias do PT. Resumo da ópera: o choro é livre e é parte do jogo político. Faz parte se fazer de vítima, querer ferrar o adversário, querer usar o jornal através de pressão econômica, direta, sindical, coordenada.

3x4: Mas independente do choro ou não, é fato que desde o início do ano, de janeiro, por exemplo, ZH passou a dar mais destaque ao problema da violência no Estado. O secretário de Justiça e Segurança, José Paulo Bisol, se sentiu pessoalmente ofendido e é verdade que ZH dedicou várias capas ao problema da violência...

Rech: Entendi. Tem uma base de dados digital aqui, o Folio, que pode ser acessada na fundação Maurício Sirotski Sobrinho. Então, sempre que eu ouço "tem uma campanha da ZH, não sei o quê", ou então, "por que vocês estão fazendo isso..." eu digo "olha, pode fazer a pesquisa na fundação e ver as matérias sobre violência que nós publicamos no governo Britto".

3x4: Então por que o pessoal tá sentindo isso, por que vêm perguntar pra vocês?

Rech: Porque durante três meses, recentemente, nós demos muitas matérias...

3x4: E por quê?

Rech: Porque as pessoas estão clamando por isso, muitas pessoas. Só em volta da ZH, 12 jornalistas foram assaltados nos últimos dois meses. Tá pesando isso, não é porque os jornalistas de ZH estão sendo assaltados com revólver na cabeça, seqüestrados, não obviamente que não. É porque chegam para nós determinados clamores, os números são fortes...

3x4: Será que se der demais este assunto, não vai assustar mais ainda a população? Criar um clima de insegurança?

Rech: Acho que boa parte da questão está em prevenção, assim como acidentes de trânsito. Nós demos um monte

"A Secretaria de Segurança foi uma aliada nossa."

de matéria sobre isso, foi uma campanha assumida da ZH, "Dirija pela Vida", mas sempre visando evitar que ocorra o acidente. Nós não queremos que aconteçam crimes, como acredito que o secretário de Segurança não queira.

3x4: Mas é pra assustar? Criar um clima tenso e talvez desnecessário. Me chocou um domingo que ZH deu a foto dos garotos "O Rio é aqui".

Rech: No último conselho do leitor, nós discutimos esta foto.

3x4: É, até tem uma explicação tua em um artigo no jornal, dizendo que não se deve dar uma foto muito sangrenta se não tiver utilidade, e tal. Mas aquilo me chocou. Ai eu fui ler a matéria e pensei, mas o que tem? A matéria era desproporcional ao destaque que foi dado na capa.

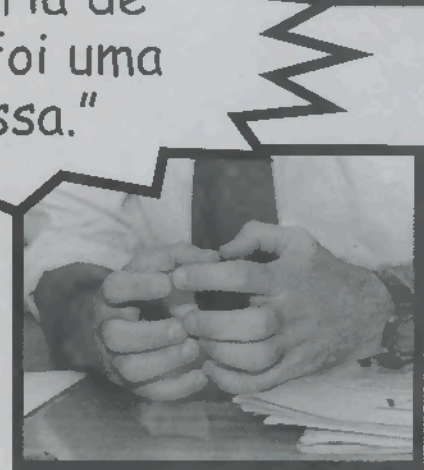
Rech: Foram duas páginas.

3x4: Mas metade de uma página era o depoimento de uma mulher e um cara sobre arrastão.

Rech: Acho que até podemos discutir. Talvez aquele título não fosse o melhor, até porque os cariocas ficaram muito brabos...

3x4: Acho que o Rio de Janeiro é muito mais perigoso, o número de homicídios lá é muito maior... Saiu um ranking das 100 cidades com mais homicídios do Brasil, e nenhuma era do Rio Grande do Sul...

Rech: É, na ZH também. Mas em roubo de carros nós estamos bem avançados, e em outros índices também.



3x4: Mas o número geral de ocorrências também diminuiu em 99, segundo dados da secretaria de Segurança...

Rech: O número global de crimes violentos cresceu. A própria secretaria reconhece. E a situação na polícia estava perigosamente perto do fora de controle, em janeiro e fevereiro. Achamos até que não deveríamos expor para não facilitar o trabalho dos bandidos, tamanhas as deficiências que estavam havendo na polícia. Havia duas, três centenas de carros quase parados, porque não consertavam. Esse tipo de informação a gente evitava dizer, pra não criar uma sensação de estar muito fácil pro ladrão, sabe? E a própria secretaria foi uma aliada nossa. Todas as informações de ZH vêm de dentro da secretaria, e do próprio secretário. Claro, ele precisa de verba, ele precisa chamar a atenção pro problema senão ele não consegue... Então, com as ações da imprensa, a polícia agiu. E será que teria tomado providências, se não tivesse havido uma série de matérias denunciando a onda de violência? E o que nos levaria a não fazer as matérias? Vamos assustar a população? Meu Deus, então eu vou deixar de dar que estão matando gente em Ruanda, por que senão vai atraparlar o café da manhã das pessoas? Meu papel é mostrar a realidade. Se não é

verdade, se a foto é um exagero, uma fantasia aí é outro papo, aí eu concordo inteiramente. Mas não é o caso, infelizmente.

3x4: *Se verificou este maior destaque dado à violência na ZH, na TV e na própria Rádio Gaúcha. Isso foi articulado ou discutido?*

Rech: Não, foi normal. Sempre que o Estado falha, as estruturas governamentais, os meios de comunicação acabam sendo um desaguiadouro dos clamores. É tanto exemplo, que eu fico só no dia...Na geral de hoje: Espera de dois dias para marcar consulta. Você acha que o José Serra acha que isso é perseguição contra ele, que a ZH que atrapalhar sua possível candidatura a presidente? Que coisa desagradável, né? Se começa um problema atrás do outro, começa a haver pressão de leitores. Havia uma média de seis roubos de carro à mão armada em Porto Alegre por dia. Passou a ser 20 por dia. Demos manchete disso, mostramos a situação da polícia, corrupção, e uma reportagem muito grande mostrando que tinha reação de uma parte da polícia contra o Bisol. Isso que eu digo, não tinha nada de perseguição contra o Bisol. Desagradou muita gente da polícia. Mas era realidade? Era. As pessoas levam dois dias para marcar um exame no Conceição, que é do governo federal? Levam. Então, paciência. Eu não vou estar preocupado se vai desagradar ou vai agradar, se o cara acha que é perseguição contra ele, ou não é...problema dele. Ele que vá pro jornal e diga que "a ZH me persegue", blá, blá, blá...Isso é do jogo. O meu negócio é publicar a matéria verdadeira, o que nós interpretamos como verdade. Mas eu não fazer isso é contra o meu papel de jornalista. Muito do poder público só se mexe quando aparece na imprensa. Infelizmente, é verdade, então isso aqui tem um papel social.

3x4: *Mudando um pouco de assunto: no caso da greve dos professores, chegou a se dizer que houve perseguição da ZH contra o governo do PT. Isso aconteceu?*

Rech: (risinho) Quem disse? Assim, disse?

3x4: *Sim, geral.*

Rech: A melhor coisa é ir pra base de dados, peraf. Editorial de 3 de março (lê o editorial, que defende os alunos e republica partes de editorial publicado durante a greve dos professores no governo Britto).

3x4: *Só que no mesmo dia deste editorial, a manchete da ZH é "Olívio enfrenta sua primeira greve", e a do Correio do Povo é "Magistério em greve", ao mesmo tempo que a foto*

do Correio é da assembleia dos professores e a da ZH é do Palácio Piratini. O leitor comum não pode ficar com a impressão que houve perseguição?

Rech: Eu acho que essa aqui (referindo-se a ZH) tá melhor. Primeiro porque foi a primeira greve do governo Olívio, é importante. O último editorial de ZH era pela volta às aulas, um apelo direto, as posições eram praticamente idênticas (no governo anterior e agora), por coincidência, não é porque a RBS é contra o Cepers, ela é a favor da volta às aulas, essa era a posição explicitada em vários editoriais. "Magistério em greve" eu acho um título pobre. Eu acho um título muito mais à frente "Olívio enfrenta sua primeira greve", acho que esse (do Correio) é muito previsível. Agora se vai desagradar ao PT... (dá de ombros)

3x4: *Mas o leitor médio não lê editorial, e às vezes acaba parecendo que a posição é diferente.*

Rech: Aqui ó (folhando taxaçaõ de editoriais dos entrevistadores): "Greve e coerência", "magistério vai à greve"...Se isso é anti-governo, é difícil...Sem contar os outros editoriais...As matérias, o conjunto delas, até poderia ser interpretado pelo Cpers como uma perseguição. Não tem nada a ver com perseguição com o Cpers ou o com o Governo. Como no caso de "Greve desmotiva alunos" (título de matéria). Desmotiva mesmo, os pais ficam irritados, alunos irritados, mas acho que as matérias estavam equilibradas, o conselho do leitor também apontou isso, e os editoriais eram pró-proposta do Governo. Se o leitor médio não lê, bom, não posso fazer nada. Mas ele lê, sim, bem mais do que a gente imagina.

3x4: *Por que ZH usa o contraponto, e não coloca aquelas informações no corpo da matéria?*

Rech: Nós fazíamos isso, sempre fizemos. O que acontecia na prática é que as pessoas achavam que ZH não dá o outro lado, a imprensa não

dá o outro lado. Por causa disso, não lê a matéria, não lê o jornal e faz análise, sem ler. E análise por ouvir falar. Então, vamos tirar de dentro da matéria, botar graficamente diferenciado pra que isso salte aos olhos. Geralmente, quando se faz uma acusação, a resposta está no fim da matéria, que, em tese, é a última coisa a ser lida, quando é lida. O contraponto é muito mais visível e isso foi uma baita sacada.

3x4: *É uma defesa, então da ZH contra acusações, ou eu tô forçando muito?*

Rech: Tá. Não tem nada a ver, o contraponto é uma resposta a uma acusação na matéria.

3x4: *Tu não concorda que o ideal seria que o posicionamento que tá no contraponto estivesse no corpo da matéria?*

Rech: Estava, mas acontece que tinha menos visibilidade... sempre esteve. Agora tem muito mais leitura a resposta.

3x4: *Tu acha melhor o uso do contraponto? Jornalisticamente falando.*

Rech: Sim o contraponto fora da matéria. Sem a menor dúvida, por um princípio de equilíbrio, dinâmica de página, visibilidade e justiça.

3x4: *Eu não leio o contraponto sem ler a matéria, e quando eu leio uma matéria é até o final.*

Continuo lendo as mesmas matérias de antes...

Rech: Perfeito, mas você é estudante de jornalismo, gosta. Então muito obrigado, (risos) adoraria que todo mundo fosse igual a você, mas não é (risos)...geralmente as pessoas lêem só o lead.

3x4: *É por isso também que o lead ficou em negrito?*

Rech: Não, o lead ficou em negrito para dar uma leitura mais rápida da ZH. Havia muitas pessoas que se queixavam que o jornal tava muito grande, assim é mais fácil de ser lido, mais objetivo...

3x4: *Foi uma decisão do conselho do leitor?*

Rech: Não, foi minha, baseado em constatação das pessoas reclamarem.

3x4: *No jornal de hoje, há duas fotos abertas da rainha da festa da Uva e uma foto menor com os ministros do governo. Não está havendo um alto peso destas questões de esporte e mais gerais?*

Rech: Com todo respeito a estas autoridades, hehe, a foto é muito ruim. Tem uma lei aqui. A foto boa, abre, a foto ruim, fecha. As pessoas fazem todas as deduções possíveis. Hoje tem essa foto aqui, da Maria do Rosário com o Tarso, que é boa, e tinha o boneco do Koutzii. Usamos a foto dos dois, bonita...Eu detesto boneco, foto de gabinete, detesto foto interna. A foto desse mocorongo parado ali, me desculpe, não vai pra capa da ZH.

3x4: *Por que as redações em geral, e a da ZH inclusive, são tão jovens hoje? Não era assim anos atrás...*

Rech: Não, não era. Acho que houve uma renovação muito grande, várias pessoas de mais idade não se adaptaram a algumas exigências.

3x4: *Quais?*

Rech: De duplo emprego, por exemplo.

3x4: *O que o senhor gostaria de fazer ao deixar o cargo de diretor de redação de ZH?*

Rech: Voltar para a reportagem.



Fim.

REPRESSÃO: UM DIREITO DE TODOS

Violência contra jornalistas impede a liberdade de expressão

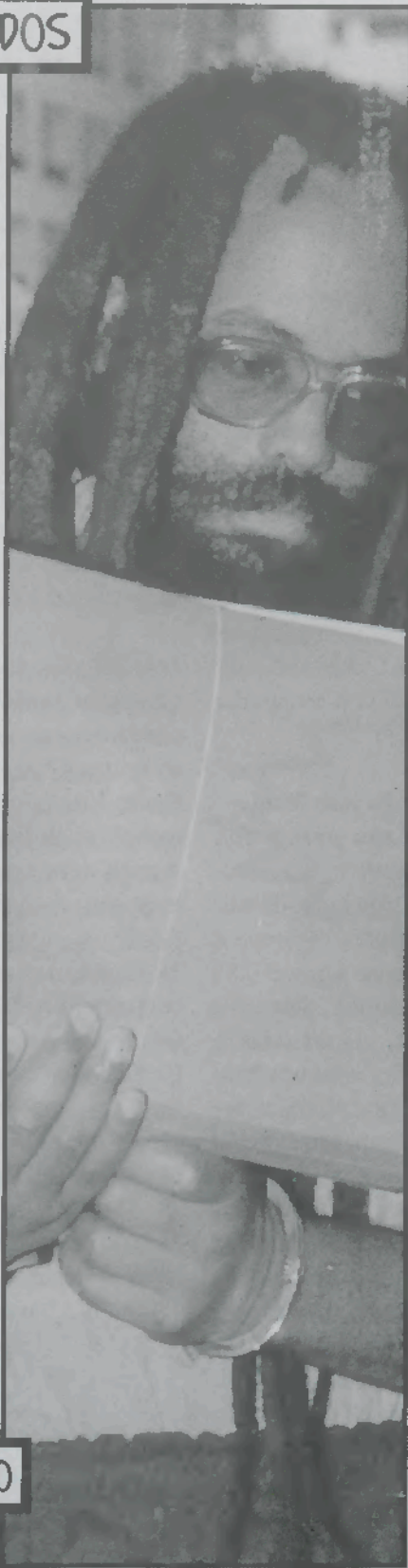
Por Sabrina Thomazi

A descoberta de um jornalista negro norte-americano no corredor da morte, acusado do assassinato de um policial, comove os que ainda estão nas salas de aula de uma universidade. O racismo, comportamento que os brasileiros entendem como característica norte-americana, teria sido decisivo na condenação do profissional. A informação chega ao Brasil através da Internet numa ação que pretende mobilizar as pessoas a favor de Mumia Abu-Jamal. E consegue.

Em Brasília, durante todo o dia 13 de maio, Dia Nacional de Combate ao Racismo, diversas organizações se concentraram próximo à Torre de TV. Cerca de 500 pessoas estiveram reunidas pedindo um novo julgamento para o jornalista norte-americano. Mas quem se preocupa com a jornalista baiana Nely Vasconcelos, presa durante 30 dias devido a um flagrante forjado de tráfico de drogas? Ela foi colocada em uma cela comum, estava grávida e abortou durante este período. A história se passou em Barreiras, interior da Bahia, há quatro anos, como nos informa o dossiê divulgado pelo Sindicato dos Jornalistas da Bahia - e não no período da ditadura, como poderia parecer.

Aqui temos um exemplo do grave estado de desrespeito aos mais elementares direitos individuais da pessoa, além de configurar crime de abuso de autoridade e exercício arbitrário ou abuso de poder. Nely prestava assessoria ao prefeito da cidade, que fazia oposição ao delegado de polícia local. O aparente propósito era o de abalar a imagem do concorrente. Também na Bahia, o fotógrafo Paulo Munhoz foi espancado por dois policiais militares quando realizava a cobertura de uma manifestação de servidores demitidos pela Prefeitura de Salvador em 1997. Durante a agressão, sua máquina foi quebrada e o filme retirado.

Os exemplos vêm da Bahia por ser o Estado mais violento do País no tratamento com a imprensa. A informação é



do diretor da Federação Nacional de Jornalistas (Fenaj), o baiano Agostinho Muniz. A repetição de prisões arbitrárias e espancamentos, assassinatos e desaparecimentos levaram essa região do Brasil ao conhecimento de profissionais do mundo inteiro. Em 1991, o radialista Ivan dos Santos Rocha, envolvido em questões políticas, desapareceu. O sumiço despertou reação na Associação Baiana de Imprensa e Sindicatos, que num esforço para localizar o radialista, repercutiu o caso através da Organização Internacional de Jornalistas.

O diretor da Fenaj revela que dados preliminares de relatório sobre a violência contra imprensa preparado pela Federação demonstram que, só nos primeiros quatro meses deste ano, já houve mais casos de atentado contra os Direitos Humanos dos jornalistas que em todo o ano de 1999. No Rio Grande do Sul, segundo o presidente do Sindicato dos Jornalistas, Celso Schröder, o desrespeito ao trabalho dos jornalistas é qualitativamente diferente do Nordeste e de outros lugares de conflito, porém não menos agressivo. Para ele, aqui existe uma pressão política e econômica inédita. "No Estado, a situação é ainda mais aguda que no restante do país. A pressão vem por parte das empresas de comunicação. O monopólio é muito agressivo e incide sobre o fazer jornalístico", acredita Schröder.

O presidente, junto com o Sindicato dos Jornalistas, está sendo processado pela RBS por danos morais que teriam acontecido na publicação de um texto do cineasta Jorge Furtado no jornal Versão dos Jornalistas. O artigo discutia o tratamento que a RBS deu em seus veículos à vinda da Ford para o Estado. Schröder ilustrou o texto com um desenho onde representa o fluxo de dinheiro entre a Ford, a RBS e o Governo, na época dirigido por Antonio Britto. O cineasta não sofreu processo judicial. A RBS ganhou a primeira instância do processo, e os réus estão recorrendo.

No Rio Grande do Sul, a justiça ainda tem credibilidade para resolver tais questões. Talvez, por isso, nos comovemos tanto com o caso Mumia Abu-Jamal. A sugestão, depois deste breve relato, é que nossa atenção também se volte para brasileiros que vivem situação semelhante a do jornalista negro norte-americano. Quem se preocupa com a jornalista baiana Nely Vasconcelos?

NOS EUA, O MOTIVO É O RACISMO

Por Rodrigo Müzell

Eram mais de seis mil, atraídos por uma maciça campanha nas rádios, jornais alternativos e na Internet. Gritavam a palavra Liberdade, incitados por uma voz que vinha, pelos alto-falantes do Madison Square Garden, de uma fita cassete gravada no corredor da morte pelo jornalista Mumia Abu-Jamal. O templo esportivo no coração de Nova Iorque, nos Estados Unidos, foi sede de mais um evento pedindo um novo julgamento para o homem que espera a morte desde 1981. O que era uma luta pela liberdade de um homem se transformou em uma campanha contra o racismo e a pena de morte.

Mumia Abu-Jamal, batizado Wesley Cook, foi jornalista na Filadélfia até 1981. Começou sua carreira no partido dos Panteras Negras, com 15 anos. Nesta idade, editava o jornal do partido, que tinha alcance nacional. Depois trabalhou em outros veículos, entrevistou personalidades e ganhou prêmios - um deles o Peabody Award, pela cobertura que fez da visita do Papa à cidade da Filadélfia. Aos 25 anos, era um dos principais nomes do jornalismo do Estado, presidente da Associação de Jornalistas Negros, mas seu radicalismo fez com que perdesse os empregos nas rádios, tendo que recorrer a bicos.

que policiais abordavam seu irmão para uma batida. Houve briga. Mumia interviu e um tiro foi disparado. No meio da confusão, o policial Daniel Faulkner foi atingido e morreu. O jornalista foi preso, acusado de ter realizado o disparo. Em um julgamento com um júri formado de brancos e um juiz que havia condenado 31 homens à morte (29 deles, negros), Mumia Abu-Jamal foi condenado à morte.

Sua arma nunca foi ligada decisivamente ao assassinato, e várias testemunhas disseram ter visto outra pessoa com uma arma participar da briga. Ao mesmo tempo, o caráter racista do inquérito e do julgamento fez com que se iniciasse um movimento para um novo julgamento e a libertação de Mumia. Nos Estados Unidos e ao redor do mundo, pessoas fazem manifestações em defesa do jornalista, invadindo consulados e conferências, divulgando na Internet e nos meios tradicionais o caso. Por outro lado, organizações em defesa da polícia também atuam.

Agora, o caso Mumia está sendo avaliado pela Justiça americana, e os ativistas estão promovendo o "Verão de resistência para Mumia". Aparentemente, 6 mil pessoas no mais famoso ginásio americano foram apenas o começo.

Foto reprodução



ALTOS SALÁRIOS E RAPIDEZ

O jornalismo na rede tem outra cara

Por Sebastião Ribeiro

Oportunidades não param de surgir para os jornalistas – formados ou não – no mercado de informações on-line. O jornalismo na Internet vem mudando a vida de muitos profissionais no Brasil, com salários mais altos e um ritmo de trabalho diferente. Confirmando a tendência de investimentos na informação on-line, a RBS lança, no fim do semestre, um site que unirá ZHDigital e o Rádio Gaúcha site. “A redação vai ser bem maior e vai contar com profissionais que buscam a informação nas ruas”, afirma Eduardo Tessler, editor do ZHDigital.

Sobram números. Em uma ponta, o portal mundial Terra anuncia, no mês de maio, a compra do buscador Lycos por 12,5 bilhões de dólares; na outra, a estagiária de jornalismo Cláudia Martins ganha R\$650 por mês, salário muito alto e impensável para o mercado há três anos. Com 20 anos, Cláudia estuda jornalismo na PUC e é estagiária no Terra, em Porto Alegre, que tem outra redação em São Paulo.

A editora-executiva do Terra, Luciane Aquino, diz não ter problemas para trazer um profissional para a sua redação: “Coloquei um anún-

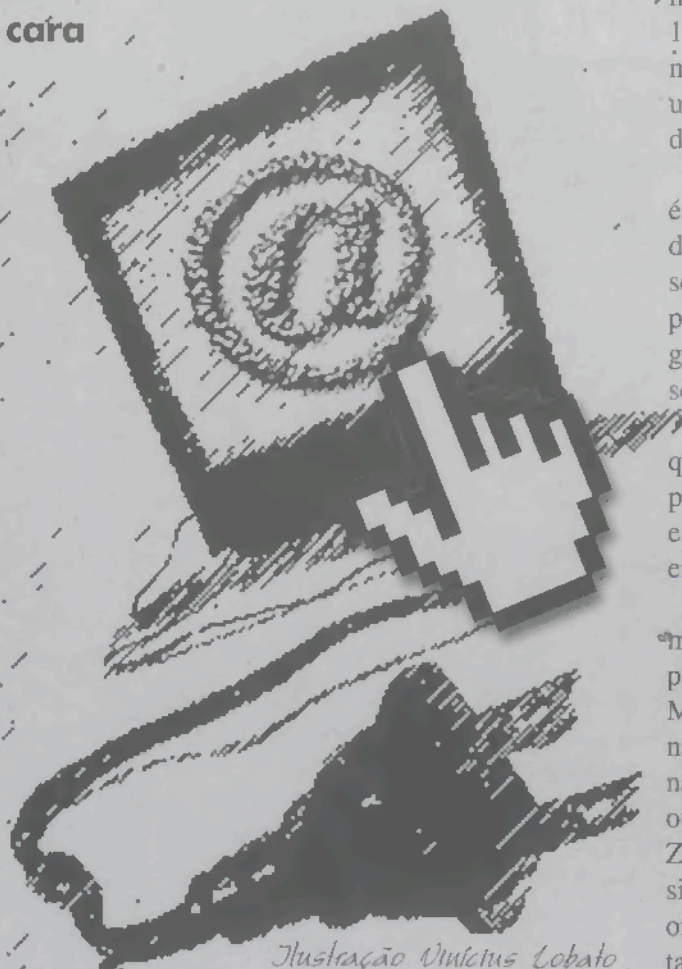


Ilustração Vinícius Lobato

cio de vaga nos classificados e em três dias recebi mais de 200 currículos”. Otávio de Souza trabalhou 19 anos na Veja, e hoje trabalha em um site sobre música que ainda não está no ar. Diz que ganhou mais um dígito no salário e que os jornalistas estão ganhando como executivos.

O jornalismo sai valorizado porque a notícia é a moeda na Internet e a atualização constante é fundamental. O provedor Plug-In, de Porto Alegre, está sempre com notícias novas. “O usuário não volta à página se não tiver algo novo” afirma André Poester, gerente de marketing da empresa, que conta com os serviços do Baguete Diário.

O Baguete é uma empresa de Porto Alegre que cobra para distribuir um noticiário com as principais notícias do momento. Dois jornalistas e mais seis estagiários fornecem clipagem de notícias a 32 empresas.

As novas notícias devem entrar instantaneamente no ar. Uma manchete que dura um dia em uma publicação impressa, pode durar poucas horas on-line. Mas grande parte do conteúdo jornalístico existente na Internet não provém de busca de informação direta nas ruas. Rádio-escuta, observação de televisão e de outros sites são as principais fontes. Na redação da ZHDigital, suplemento que o jornal Zero Hora - assim como todos os grandes jornais do país - mantém on-line, as informações ainda são retiradas das reportagens do jornal impresso.

SOBREVIVER NÃO BASTA... O CORPO TEM QUE ESTAR OK *Por Chico Amorim e Tanara de Araújo*

TVE renasce de quase falência e renova a cara de sua programação

Nenhum telespectador percebeu - até porque não teria como - mas a TVE esteve muito, muito perto de sair do ar. No entanto, não saiu e nem deve sair tão cedo, graças aos recursos que o Governo do Estado investiu para tirar a emissora da U.T.I: 3,5 milhões de reais, por enquanto. Além do reforço financeiro para fortalecer a TVE, também foi necessário implantar uma modernização da casa que, nestes últimos 16 meses, incluiu a contratação de pessoal, digitalização da produção, aumento da qualidade do sinal de transmissão e gradual reformulação da grade da programação.

Não queremos ser chatos

O aumento de recursos está centrado numa tentativa de transformar aquele velho (e geralmente considerado chato) canal público em uma alternativa à altura da mídia comercial, especialmente a RBS. Desde fevereiro de 1999, uma faxina tem sido feita dentro da emissora para mudar o seu perfil, tentando tirá-la daquele estigma de “TV cultural enjoada de assistir, cheia de programas enfadonhos e intermináveis”. Após um mês (janeiro de 1999) em que o trabalho foi superar o sucateamento e o PDV (Programa de Demissão Voluntária) do governo anterior que permitiu a saída de 80 funcionários, um investimento inicial de 1,5 milhão de reais deu início à reformulação da grade de programação, que deve ficar completa com a realização de concurso público neste primeiro semestre e a pela aquisição de equipamentos, já em licitação, que totalizam 2 milhões de reais. Estas mudanças ainda estão caminhando aos pouquinhos, com ênfase nos novos programas Cidadania e Hip Hop Sul, que

são exemplos da abordagem de temas cotidianos.

As novidades para 2001 e 2002 já estão em fase de elaboração. Ser uma alternativa para os telespectadores é o objetivo número um da emissora, diz Carlos Carmo, diretor de programação da TVE. Segundo ele, a emissora quer instruir um espírito crítico sobre as questões sociais, sem a criação de verdades absolutas, mas com “informações suficientes para incentivar uma reflexão individual”. Por outro lado, há formas de comunicação e tratamento de assuntos que estão (e estarão) banidos do espaço público da TVE: a espetacularização e a polarização de idéias. Carmo exemplifica: “Uma questão polêmica discutida pelo jornalismo da emissora é a situação do MST. A oposição quer que eu faça de conta que o MST não existe, enquanto parte da mídia trata o MST como bando de guerrilheiros e badermeiros. Devo tratar este movimento com o mesmo respeito com que trato a Farsul”, conclui Carmo.

Esquerda nas idéias, direita na organização

Ponto para quem conclui que há uma forte identificação entre a política da emissora e o perfil da esquerda, afinal, isso é claro no discurso da maioria dos funcionários e através dos programas voltados aos direitos humanos, qualidade de vida e participação popular. Mas daí a acusar a TVE de ser “aparelhamento do PT”, há um abismo que Carmo justifica: “Se fosse assim, a oposição não participaria da programação”, referindo-se à participação do deputado estadual do PFL, Germano Bonow, no programa Frente a Frente.

Ao contrário da gestão anterior, a TVE 2000 não vem cedendo espaços para produção inteiramente independente, pois todos os programas incluem-se dentro de uma linha jornalística sócio-educativa. Entretanto, isso não impede parcerias com produtoras independentes, universidades, cineastas, ONGS, órgãos do Estado e grupos socialmente organizados que abasteçam organizadamente a grade de programação. Em alguns casos, a parceria visa à

utilização do sistema broadcasting do parceiro. Em outros, como com o Movimento Rapper e o Pró-Guaíba, o mais importante mesmo é a qualificação da informação e a linguagem utilizada.

Todos os públicos

A TVE quer alcançar todos os públicos. Já trabalhar uma regionalização da programação dentro do Estado, como fazem outras emissoras, ainda não é viável, devido aos grandes custos. Mas não é por uma questão de dinheiro que se esquece o público de cidades importantes como Caxias, Santa Maria e Santa Cruz. O programa Povo Gaúcho faz semanalmente um retrato sócio-político do interior, visitando municípios e abrindo espaço para quem produz cultura local. Além disso, a TVE, segunda em cobertura no Estado, deve melhorar seu sinal nos próximos meses e fazer uma parceria cultural com a Fundação Itaú. “Não se faz televisão com licitação e concurso público”, lembra Carmo. Apesar disso, reconhece que esta camisa-de-força possui o valor de democratizar o ingresso ao veículo, valorizando o dinheiro do contribuinte.

CLÓVIS OTT: UM OTIMISTA EXPERIENTE

PERFIL

Por Leandro Rodrigues e Gil Sosch
Fotos Gil Sosch

Repórter de polícia, editor, redator de publicidade, freelancer. Clóvis Ott, 55 anos, já vestiu quase todas as camisetetas do jornalismo. Para pendurar toda essa roupa no varal, o 3X4 esteve conversando por quase sete horas com o jornalista que atualmente ocupa o cargo de editor-chefe do Jornal da Universidade. Sempre crítico em relação a tudo que o cerca: imprensa, política, Brasil. Inter, Clóvis não admite ser chamado de pessimista. "Sou um otimista experiente"

Sim, queria ser médico. Chegou a insistir no assunto. Tentou por três vezes o vestibular para Medicina. Segundo ele, não passou por "arrogância". Achava as provas muito fáceis e refazia as questões. "Eu mesmo me complicava". Após a terceira tentativa, resolveu fazer para Jornalismo. Ganhara prêmios de redação no secundário e achava que seria uma boa alternativa para não ficar um ano sem fazer nada.

No mesmo ano, 1968, começou a trabalhar no jornal Diário de Notícias, assim como toda uma geração de jornalistas. O plano de fazer Medicina ficava para trás. Para o bem do Jornalismo - ou para o bem da Medicina -, Clóvis Ott tinha se fascinado com a mística que envolvia a profissão. Fez amigos, conheceu muita gente. No ano seguinte, foi para a Folha da Manhã, onde ficou até 1971. A situação política se agravava em todo Brasil com a ditadura. Clóvis decidiu deixar o país. Sua esposa na época estava indo para a França fazer um curso de pós-graduação. Não teve dúvidas, próxima parada: Paris.

Na capital francesa, trabalhou como free lancer da revista Manchete. "Ela era minimamente séria." Numa semana, estava fazendo matérias sobre buracos nas ruas de Porto Alegre. Na outra, estava cobrindo o tratado de paz da Guerra do Vietnã. "É um exemplo de como as coisas podem mudar nessa profissão, nunca se sabe o que vai se cobrir amanhã".

Depois de uma divergência com o diretor da sucursal, decidiu deixar a revista e a França. Entrou em contato com um amigo jornalista que trabalhava em Lisboa e, algumas semanas depois, Clóvis Ott foi convidado a ser redator de publicidade. Começava a era "portuguesa" do repórter. "Foi a época em que fiquei rico."

Não demorou a retornar ao jornalismo. Em 1974, estourou a Revolução dos Cravos, na qual esteve envolvido até o último fio de cabelo. Entrou para um jornal semanal e, em seguida, era repórter no Diário de Lisboa. Depois foi redator de internacional e acabou editor da seção. Ficou no jornal até a volta ao Brasil, em 1979. Teve convites para trabalhar em todo o lado, mas só quis saber da Folha da Manhã.

Com o fechamento da Folha, Clóvis trabalhou como redator na Rádio Farroupilha, "antes de virar o que virou.". Depois de uns tempos foi para a Zero Hora, quando se formou uma superequipe de polícia de 1981 a 1985. Ao sair da Zero, entrou na assessoria de imprensa da UFRGS. Logo sentiu falta do cheiro de jornal e acumulou um segundo emprego. Não perdeu tempo quando abriu uma vaga de redator no Correio do Povo. "O pessoal se espantou: mas como? Nessa altura do jogo tu vais ser redator do Correio do Povo? Sou profissional, não quero saber se vou ser chefe disso, ou daquilo, repórter, ou muito menos, redator."

Sua história no Correio durou de 1991 a 1998, quando pediu licença por motivos de saúde. Em 1997, a UFRGS resolveu ter seu próprio veículo, o Jornal da Universidade. A então coordenadora de Comunicação Social, professora Maria Helena Weber, o chamou para ser editor-chefe. "Estou adorando a coisa", diz enrolando o dedo indicador na barba, mania inconfundível de Clóvis Ott.



3x4 - Como foi a passagem de repórter de geral para correspondente de uma revista no exterior?

Clóvis - Essa é uma das coisas bonitas que lembro e, sob certo aspecto, define bem o jornalismo. Na Folha da Manhã, a última matéria que fiz antes de ir para França foi sobre a colocação de novas sinalleiras na cidade. Chegando em Paris, fui escalado para cobrir a conferência de paz da Guerra do Vietnã, no Quai D'Orsay - o equivalente ao nosso Itamaraty. Lá estavam as grandes estrelas do Washington Post, do Le Monde, Le Figaro. Pensei: "o que estou fazendo no meio desses caras? Ontem estava cobrindo sinalleira de rua, hoje, conferência de paz com as duas grandes figuras mundiais do momento: o Le Duk To, do Vietnã, e o Henry Kissinger, dos EUA." O que mais me angustiava é que os jornalistas ingleses e americanos botavam a mão no ombro do Le Duk To, abraçavam o Kissinger, convidavam os dois para jantar. Mas claro, eles se viam todos os dias, estavam acostumados com aquele mundo. Eu estava acostumado com a repressão. Aqui, quando víamos autoridade, éramos afastados a coices.

3x4 - E a entrevista com a "mulher dos olhos de ouro"?

Clóvis - Bom, para não gastar em hotel, eu ficava em Lyon, junto com minha ex-mulher que estava fazendo pós-graduação em Estudos Sociais. Quando surgia pauta, a Manchete me telegrafava e eu ia a Paris. Me chamaram para fazer uma entrevista sobre aborto, com a Marie Laforreët, chamada de "la femme des yeux d'or". Ela era uma das maiores autoridades no assunto e a matéria sairia numa das revistas femininas da Bloch. Eu havia combinado com o fotógrafo, o Alécio Alves, para ele me ajudar com as perguntas e também a tirar a fita, porque ele falava francês perfeitamente. Quando cheguei na revista, perguntei como quem não quer nada, onde estava o Alécio. "Foi para a Suíça fotografar a temporada de esqui. Ele já fez as fotos com a Laforreët." Gelei, fiquei desesperado, mas não podia fazer nada, então fui para a casa dela. Fiquei esperando na sala, sozinho, e comecei a tomar umas "homeopantias", até que ela apareceu. Era uma mulher lindíssima. Num francês macarrônico, expliquei que recém tinha chegado, que precisava daquela entrevista para poder trabalhar.

3x4 - Francês tu sabias da época do colégio?

Clóvis - Sim, mais o que aprendi no tempo em que estava lá. Ela começou a rir e foi a vez dela falar em português macarrônico. "Clóvis, vamos fazer o seguinte: tu me perguntas em português e eu te respondo em francês. Depois, nós voltamos a fita, e eu te traduzo aquilo que disse, para tu fazeres outra pergunta". Achei que estava sonhando. Ela me explicou que tinha namorado um baterista brasileiro por 5 anos.



para O que seria um fracasso, foi minha glória. Acabamos ficando amigos.

3x4 - Como foi ser editor de um jornal português?

Clóvis - Não fui direto para jornal em Portugal, fui primeiro redator de publicidade. Dizia umas coisas engraçadas e os portugueses gostaram. Em 1973, estava na agência Marca quando do golpe no Chile. Ficávamos sabendo o que acontecia, do envolvimento da ITT (International Telegraph & Telephone), e dos massacres de Pinochet. Um dia, chega a pasta de um cliente novo na minha mesa. Era a conta das Páginas Amarelas, da ITT. Não fiz, me recusei. Briguei com o diretor de criação da agência, disse que não trabalharia para a ITT. "Mas não é para a ITT, é para a agência." Respondi, então, que não trabalhava em agência que atendia conta deles e fui embora. Em seguida, comecei num semanário. Com o fim da censura depois da Revolução dos Cravos, eu fazia o que queria. Criei um setor de América Latina no jornal, pois se falava pouco daqui na Europa. Os meus amigos eram todos exilados - brasileiros, uruguaios, argentinos - e, por causa disso, recebia muita informação dos movimentos revolucionários. Fiquei amigo dos tupamaros, do pessoal do ERP, da Argentina, do ELM, da Bolívia, do MIR, do Chile. Virei uma espécie de setorista da América Latina.

3x4 - Vamos falar um pouco da Zero Hora, daquela editoria de polícia em que tu trabalhaste.

Clóvis - A Zero Hora tinha uma equipe muito ligada à polícia e à repressão. Eles eram muito policialescos, falavam em "elementos", "meliantes" - aqueles epítetos clássicos da polícia - e quanto mais sangue tinha no jornal, melhor para eles. Parece que a direção de ZH, na época, se encheu daquilo e decidiu mudar a orientação da editoria. Chamaram o José Antônio Ribeiro - que tinha montado um excelente grupo no esporte - para formar a equipe de polícia. Ele chamou o Wanderley Soares para sub-editor e reuniu só macaco velho. Da equipe antiga, ficaram dois excelentes caras, o Jorge Waiters e o Mário Rotta. Contrataram o Ênio Staub, o Luís Alberto Scotto, o Renato Panaccieri e eu. Depois chegaram o Dedé Ferlauto e o Plínio Nunes, que hoje edita polícia no Diário Gaúcho. Fizemos uma polícia totalmente diferente. Se o cara degolava uma criança, a gente contava o que ele tinha feito, mas também, como tinha chegado até ali, quem era, de onde vinha. Víamos o lado social, humanizávamos a coisa. Ao mesmo tempo, vigiávamos a polícia, não nos limitávamos à palavra oficial. Tanto que derrubamos vários delegados e influenciávamos a queda de dois chefes de polícia. A gente os colocava no noticiário, não como fonte, mas como objeto. Fomos considerados a melhor editoria de polícia do país, entre 1981 e 1984. Vinha gente de fora ver como fazíamos.

3x4 - E o pessoal que estava na Zero antes de vocês foi para onde?

Clóvis - Para a Caldas Júnior e daí se criou um "Grenal". A gente querendo desmanchar o que eles faziam e eles dizendo que o que a gente fazia estava errado. Foi criada uma rivalidade "como nos velhos tempos". Nós implantamos na Zero um sistema novo, muito mais jornalístico e informativo. Mais humano, mais jornal. Felizmente parece que ganhamos essa guerra.

3x4 - Um dos episódios foi aquele do Paulinho Ticão, não é?

Clóvis - O Paulinho Ticão era chefe da Quadrilha do Litoral, que andava apavorando o Estado, e morreu bobamente, assaltando um carro na Unisinos. A vítima era agente da polícia federal, e deu um tiro na cara dele. O corpo foi levado para o Hospital Nossa Senhora das Graças, em Canoas. Aquilo foi uma bomba, eu e o fotógrafo, o Valdir Friolin, fomos correndo para lá. Chegamos e fomos direto à morgue, nos fundos do hospital. O corpo estava lá, esticado sobre uma maca com rodinhas. Fizemos a festa. "Fotografa daqui, vira, bota embaixo da luz." E o Friolin dê-lhe flashaço, e mais flashaço. Lá pelas tantas, lembramos que o pessoal da Folha poderia chegar. Tinha um matinho ali perto. Não tivemos dúvida, fugimos com o cadáver até a confusão esfriar. No outro dia foi um escândalo, pois eles ficaram sem a foto. O mundo caiu na Caldas Júnior.

3x4 - Que tu acha dessa cópia de BOs que é a reportagem de polícia, hoje?

Não existe mais reportagem de polícia. Aliás, está muito difícil dizer que existe reportagem. Os leitores e a sociedade em geral desprezam o noticiário policial e o tratam como se fosse a escória do jornal. Uma vez ouvi do Wanderley Soares que o que vemos na editoria de polícia é consequência do que sai nas consideradas páginas nobres do jornal, na economia, na política. O que está ali é a vida. Dou total razão a ele. A polícia, também, é muito mal feita e, por causa desse preconceito, acaba ficando pior ainda.

3x4 - Tu foste chamado para cobrir o caso Daudt?

Clóvis - Sim. Me chamaram para fazer o caso porque estavam tomando um "banho" do Correio. Ficaram meio "encabulados", afinal de contas, o Daudt era da RBS. Trabalhei um mês, mas a pergunta que eles queriam que eu respondesse não competia a mim, mas à polícia. Cheguei até a levantar duas hipóteses, mas hoje se sabe que o furo é bem mais embaixo. Não é repórter de jornal que vai descobrir alguma coisa. Dois delegados, o Wilson Müller e o Abílio Pereira, sabem muito da história e foram afastados justamente para não descobrir nada.

"Minha geração era sonhadora, a de vocês é deslumbrada"

Depois da entrevista feita, das histórias lembradas e do gravador desligado - por falta de fita cassete -, ficou no ar um sentimento de que faltava alguma coisa. Tomando café, durante a janta, aconteceu a melhor parte da conversa. Clóvis Ott fez as melhores considerações sobre política, imprensa gaúcha, jornalismo e futebol. Tudo entre um gole de café e uma bafurada e outra de cigarro.

"Não temos mais lugar na grande imprensa, em primeiro lugar, acho que pela própria questão de mercado. Eu tenho 55, o Ademar tem por aí, o Ivo Stigger, o Juarez Fonseca, o Wladimir Ungaretti, somos todos da mesma geração. Que vida nós teríamos numa grande empresa? Aqui no Brasil não é hábito manter pessoas mais experientes, a menos que estejam a serviço do sistema. Em segundo lugar, é mais fácil comandar a cabeça dos jovens. Minha geração era romântica, a de vocês é deslumbrada. Nós dávamos valor às notícias, não éramos burocráticos. Lembro de uma vez que estava caminhando na rua e saí correndo atrás de um caminhão de bombeiros, só para saber o que estava acontecendo."

"Para mim, o jornalismo no Rio Grande do Sul involui. É uma imprensa que dá espaço para o Diário Gaúcho"

"Quando vejo coleguinha com iate e carro importado, fico pensando: Porra, me rasgo todo para pagar uma prestação. Aos 55 anos e 31 de profissão, estou num consórcio de carro usado. Nunca dei bola para isso, talvez seja burro, não sei. Mas eu não me arrependo. Não tenho vergonha de encarar meu filho nos olhos e de me olhar no espelho todos os dias de manhã. Pega o exemplo do Ademar (Vargas de Freitas). É um cara que, pelo talento dele, por tudo o que sabe e fez, deveria estar riquíssimo. Mas ele dá valor a outras coisas e, na nossa sociedade, os valores dele não têm espaço. A nossa geração é a mesma, temos os mesmos valores, os mesmos ideais de profissão."

"Na minha época, trabalhei com o Celito de Grande, com o Floriano Correa, o Floriano Soares e o João Souza. O que eles me ensinaram, faculdade nenhuma no mundo ensina. Foi o meu contato com esses caras que me fez desistir da Medicina. Saíamos do jornal para o bar conversar, contar piadas. Existiam vários jornais em Porto Alegre, eram pelo menos 5, e todas as noites o pessoal das diferentes redações se reunia nos bares da Salgado Filho, na Adelaide, no Bon Ami, para discutir o que cada um tinha feito. Lá, um ensinava o outro, comentava o texto, gozava. Hoje, cada um cumpre o seu horário na redação e vai para casa. O jornalismo é muito burocratizado. A gente lia mais, era mais crítico. O Jornal da Tarde e a Revista Realidade - a melhor do Brasil - eram duas faculdades para nós. Foi a época em que o jornalismo gaúcho cresceu. Hoje, para mim, o jornalismo no Rio Grande do Sul involui. É uma imprensa que dá espaço para o Diário Gaúcho."

Fim.

Promoção
Juntos Ganhe

38

Lugar de selo é
na sua cartela!Todos os dias, um selo diferente
para completar a sua cartela!
Recorte o selo do lado e cole na sua cartela.

TERRA NOSTRA

Juliana corta
como vai
ser o final

PÁG. 19

EXTRA DIÁRIO GAÚCHO

Abra a porta
da sua casa para
uma montanha
de prêmios.

Promoção
Tudo em
Casa

Preencha o cupom
atrás deste anúncio
e deposite nas urnas.

DIÁRIO GAÚCHO

ANO 1 - Nº 38 - PORTO ALEGRE, TERÇA-FEIRA, 30/5/2000

O despertar do mercado editorial gaúcho

Por Daniella Peretti e Adriana Timmers
Fotos Sil Gosch e reprodução

Depois de um longo período de marasmo, o mercado editorial gaúcho despertou da tumba para investir em novos projetos. As novas iniciativas se tornaram uma guerra pela busca de novos públicos e de mais prestígio para os veículos e as grandes empresas que os apoiam.

Pampa lançará jornal

A Pampa também resolveu se lançar na mídia impressa e está fazendo pesquisas para definir a linha editorial e o nome do jornal que deverá ser lançado em outubro. O prédio de três andares que abrigará a Redação já está pronto. O novo jornal contará com rotativa própria e deverá ter 800 profissionais, totalizando um investimento de R\$ 20 milhões - exclusivo da Pampa. O gerente de marketing da empresa, Cláudio De Bastiani afirma que há uma possibilidade forte de o novo jornal ser popular, mas com abrangência estadual. Ele acredita que o Diário Gaúcho não vai cobrir todo o mercado que pode ser atingido pelos diários populares. A pesquisa deverá ser concluída dentro de dois meses. Porém, até o lançamento do jornal da Pampa, já terão passado cinco meses do surgimento do Diário Gaúcho, o que pode prejudicar a iniciativa já na sua estréia.

- "A Pampa terá de ser muito mais ousada e competente para ganhar esse espaço- avalia Kolecza."

Entre as novidades, a mais forte é o nascimento do Diário Gaúcho, o novo jornal da RBS, voltado principalmente às classes D e E da Região Metropolitana de Porto Alegre. O desempenho do jornal nas bancas surpreendeu até mesmo os 35 jornalistas que trabalham na pequena redação. A estimativa inicial era atingir uma vendagem diária de 50 mil exemplares, mas nos primeiros dias foi necessário aumentar a tiragem bem acima do previsto. A venda teve seu recorde no dia 5 de maio, quando foram vendidos 187.828 exemplares. A editora de Produção do Diário Gaúcho, Rozanne Adamy, revela que penetração do jornal no mercado tem sido tão rápida que alguns dos passos que estavam sendo planejados a longo prazo tiveram de ser dados agora. Assim foi com os classificados, que seriam implantados ao longo do ano, mas acabaram entrando em circulação em maio.

Mesmo tão jovem, o jornal já vem despertando críticas. O jornalista Carlos Kolecza, que tem 40 anos de profissão e passou por pelo menos nove redações em Porto Alegre (incluindo sucursais do Jornal do Brasil e Manchete, Zero Hora, Última Hora, o alternativo Denúncia, que ele mesmo fundou) vem analisando diariamente o Diário Gaúcho. - "O Diário Gaúcho está procurando definir o seu perfil sendo um jornal popular, mas fugindo de uma agenda popular política. Por exemplo, a Última Hora era um jornal popular que tinha uma grande liberdade de manchete e de enfoque, mas tinha um compromisso político-ideológico com certas reivindicações populares" - lembra Kolecza.

O jornalista acredita que os veículos de prestígio perderam a sensibili-

dade não só para os problemas populares como para a cultura do povo. Seguindo ele, o Diário Gaúcho chegou para ocupar esse espaço, sendo simpático à população. Porém, Kolecza alerta que essa pode ser uma faca de dois gumes. - "É possível que o jornal, na proposta de comprometimento político com o povo, ou seja, o valão do esgoto que entupiu ou o ônibus superlotado, podem ser priorizados de maneira a criar no público D e E uma opinião negativa em relação a um partido ou outro, justamente no ano das eleições".



Correio do Povo tira da manga os classificados

Na guerra pela busca de mais espaço no mercado, o Correio do Povo resolveu lançar seus classificados, que circulam aos sábados desde julho. O jornal está investindo na formação de uma estrutura para suportar a nova iniciativa, com a construção de lojas de anúncios próprias e contratação de equipes de vendas, telemarketing, distribuição e circulação. O diretor de Classificados do Correio do Povo, Rogério Ribeiro, afirma que o novo projeto deverá ter entre 40 e 60 páginas, dividido em dois cadernos.

O formato dos anúncios será o mesmo já adotado pela Zero Hora para facilitar a entrada do mesmo anúncio nos dois veículos. "Não queremos liquidar a ZH nem fazer uma grande revolução. Queremos apenas uma fatia do mercado. Uns 30% ou 40% já está bom para nós", explica Ribeiro. O jornalista Carlos Kolecza acredita que o Correio do Povo acomoda um certo número de leitores que têm aversão à Zero Hora. "O Renato Ribeiro transformou um jornal standard de prestígio num jornal tablóide, popular, e o que é mais interessante: ele conseguiu criar um jornal popular sóbrio e conservador", analisa Kolecza. "E esse jornal passa a incomodar a RBS mais no plano editorial do que no plano econômico". Ribeiro não considera o Diário Gaúcho um concorrente, pois o novo jornal não abrange todo o Estado - nem mesmo em relação aos classificados. "Sabemos que uma pequena parcela vai deixar de assinar o Correio para comprar o Diário Gaúcho na banca, mas são muito poucos. E nós acreditamos que poderemos recuperá-los com as novidades que estamos lançando".

R\$
0,25

GAZETA MERCANTIL REFORMULA A COBERTURA POLÍTICA

Por Dantella Peretti - Foto

Sil A ~~Gazeta~~ Mercantil Rio Grande do Sul (GZM/RS) - que, desde 1997, circula encartada no jornal nacional de economia e negócios - sofreu em março uma drástica mudança. O diretor da GZM/RS, Hélio Gama, afastou-se do comando para desenvolver um novo jornal em Caxias do Sul, a Folha do Sul, circulando desde maio. Em seu lugar, assumiu o diretor dos jornais regionais da Gazeta Mercantil em Santa Catarina e Paraná, Ivanir Bortot. Não foi uma mera transformação de nomes no expediente do jornal. Ivanir Bortot contratou o jornalista Elmar Bones para reformular a linha editorial da GZM/RS. A principal mudança está na relação do veículo com o governo estadual. Segundo Bones, a Gazeta Mercantil Rio Grande do Sul, até março de 2000, tinha um contato próximo com o empresariado local na defesa do modelo de desenvolvimento proposto pelo ex-governador Antonio Britto. O projeto da gestão anterior incentivava a instalação de grandes empreendimentos no Estado, como a vinda da Ford e da GM. Quando Olívio Dutra venceu as eleições de 1998, a reação do empresariado e da GZM/RS foi a mesma: ambos passaram a fazer oposição ao novo projeto. Este novo modelo de desenvolvimento tratava das necessidades

do pequeno produtor e incentivava a gestão das estruturas estatais. "A cobertura que era feita antes pela Gazeta Mercantil Rio Grande do Sul, do ponto de vista técnico do jornalismo, era muito falha e equivocada", afirma Bones. Para ele, o jornal dava só um lado, se abastecia de fontes da oposição e ouvia o governo marginalmente.

Érico Valduga, o ex-chefe de Redação da Gazeta, discorda. Ele afirma que a linha editorial do jornal sempre foi ouvir os dois lados e desafia quem mostrar uma só matéria que não tenha essa característica. "Existia preconceito do governo do Estado com os repórteres da Gazeta", lembra Valduga. "Inclusive, quando íamos procurar o governo, a resposta que recebíamos era que se fosse para a Gazeta, a fonte não falaria. Durante o governo Britto, o jornal obteve sucesso financeiro. Mas houve retração nas suas



ELMAR BONES

contas a partir de janeiro de 1999, quando o governo do Estado e a prefeitura não publicaram nenhum edital na Gazeta Mercantil." Segundo Valduga, isso se deve aos furos de reportagem que o jornal publicou denunciando o governo. Elmar Bones discorda: "A Gazeta estava fazendo um mau jornalismo. Isso eu digo e entro em qualquer discussão para provar. Era um jornalismo superficial, acusatório e preconceituoso", reprova.

A nova postura da GZM/RS, que está sendo implantada por Bones, é tratar as fontes oficiais com mais respeito. "O jornalista é um sujeito do establishment. Ele tem de reconhecer a autoridade. E a autoridade não é uma pessoa, o cargo é que deve ser preservado", defende Bones. Valduga diz que não tem condições de avaliar as mudanças na Gazeta desde que saiu do comando da Redação porque não tem mais acompanhado o jornal. "Foi-me pedido que cedesse a minha vaga, mas não me deram motivo algum. Inclusive, disseram que eu poderia trabalhar em qualquer Gazeta de outro Estado, menos no Rio Grande do Sul. A única coisa que eu sei é que exatamente um dia depois da minha saída, o governo colocou um anúncio de página inteira no jornal." Elmar Bones afirma que a insinuação de que houve influência do governo na troca de comando não passa de boato. "Interessa muito ao governo essa tese de que a Gazeta Mercantil aderiu ao PT, o que não é verdade. O jornalista tem essa mania de sempre achar que há um grande acordo por trás das coisas", conclui Bones.

O QUE QUER O ASSESSOR DE IMPRENSA? O QUE QUER O REPÓRTER?

A conturbada relação entre a Assessoria do Piratini e a Imprensa

Por Marcus Vinícius Pereira

Qual o repórter que não quer ter informações privilegiadas? Para tanto, é preciso ter boas fontes nas assessorias, certo? Tudo bem. O problema é que o assessor abre caminho à versão oficial dos fatos, porém, nem sempre, o melhor do jornalismo passa perto dos gabinetes.

O assessor de imprensa precisa do repórter, e uma recíproca poucas vezes é tão verdadeira. Mas essa relação de dependência pode gerar conflitos. São públicas, por exemplo, as divergências entre setores da imprensa e a Assessoria de Comunicação do Palácio Piratini. Para Giovane Grizotti, repórter da rádio Gaúcha, o motivo das desavenças é simples: "O repórter que tem muitas fontes quebra o esquema da assessoria. O assessor de imprensa, em geral, não é fonte". Grizotti considera problemática a relação com a Comunicação do atual Governo do Estado: "por várias vezes já tentei contato com fontes do governo e a assessoria me negou acesso sem mesmo consultar a pessoa".

Na área política, também tem bronca contra a Assessoria do Palácio Piratini. Gustavo Mota, repórter da rádio Guaíba, já cobriu o Executivo em cinco governos. Ele acha ser necessário um compromisso ético entre jornalistas e assessores. Cita as comemorações do 20 de Setembro passado, quando, quatro dias antes, descobriu que os coronéis que se rebelaram contra as suas transferências seriam punidos. Como os festejos da Revolução Farroupilha são calcados na Brigada Militar, Gustavo afirma que se

divulgasse a punição antes das comemorações, iria criar um grande mal estar: "Ligou um assessor do Palácio pedindo, por favor, que eu não divulgasse a notícia. Eu coloquei no ar somente depois do dia 20, mas ainda sendo o primeiro a noticiar". Gustavo Mota fala que com a centralização "os veículos não precisam ter um setorista especializado, porque qualquer jornalista vai ali (no Piratini) e pega o release. Se você for esperar pela informação oficial, até um boy pode fazer jornalismo".

Diego Casagrande ainda era repórter da TV COM quando, nos estúdios da RBS, decidiu falar diretamente com o Secretário de Justiça e Segurança, José Paulo Bisol. Casagrande conta que tinha tentado várias vezes, por meio da assessoria, falar com o Secretário, porém, sem sucesso: "Perguntei, então, se poderia falar com ele, mas antes mesmo do Bisol responder, uma assessora se intrometeu e disse que eu não tinha agendado nenhuma entrevista". Depois de insistir muito, "finalmente consegui falar com o secretário, mas só porque tive a sorte de vê-lo pessoalmente", conclui Casagrande. A assessora a que o repórter se refere é Karen Espinosa, do Instituto Geral de Perícias. Karen dá a sua versão: "Admito que errei na interpelação, pois todo o jornalista tem direito de falar com a sua fonte. Porém, a minha intenção foi estabelecer uma clara relação entre assessoria e imprensa, acho que essa é a função de uma assessoria".

A estrutura de Comunicação do atual governo do estado é diferente da do governo Britto. Antes, cada assessoria fazia e enviava releases diretamente para os órgãos de imprensa, além de agendar entrevistas com os secretários e organizar coletivas. Era definida uma linha geral, mas a partir daí, cada organismo de governo mantinha a sua própria relação com a imprensa. Tânia Bampi, atual assessora de impren-

sa do DETRAN, também trabalhou para o governo Britto. Ela não vê problemas na centralização, ao contrário, acredita que o atual formato é melhor porque favorece a democracia na hora de distribuir a informação: "Não se pode avaliar a notícia somente pelo critério da atualidade, mas também pela confiabilidade e por uma distribuição qualificada da informação". O secretário de Comunicação do Palácio Piratini, Guaracy Cunha, admite problemas na relação com a imprensa, mas não vê nenhuma razão nas críticas que vêm recebendo. Guaracy já esteve do outro lado. Trabalhou, entre outros, no Jornal do Brasil e Zero Hora. Para ele, "a centralização possibilita que não ocorra privilégio e a imprensa do interior, antes marginalizada, também começa a ter mais acesso". Para o secretário, o problema da imprensa no Rio Grande do Sul não é o da centralização da Assessoria do Piratini, e sim "quando ocorre algo que tem sido muito comum por aqui, o chamado jornalismo de tese, isto é, quando o editor tem uma tese na cabeça e manda o repórter à rua comprovar o que o editor está teorizando". Quanto à relação com a RBS, o secretário não nega os atritos: "O projeto político da RBS é diferente do nosso e a sociedade gaúcha sabe disso. Nós respeitamos todos os projetos, mas os órgãos de imprensa e os jornalistas têm de respeitar o nosso".

O presidente do Sindicato dos Jornalistas do Rio Grande do Sul, Celso Augusto Schröder, acredita que, por natureza, a atividade do assessor de imprensa (jornalista) é contraditória: "Na maior parte do tempo ele é um relações públicas, sem nenhum demérito a esse profissional". Para o sindicalista, "o importante é que tanto assessor, quanto jornalista tenham em mente os parâmetros que devem nortear suas atividades: o interesse público e a ética. Além disso, só um jornalista sabe o que outro jornalista quer".

BARATAS FRITAS E IOGURTE COM PIMENTA

A odisséia de Lucas Gonzaga pela Europa

Por Camila Menegaz

Enfrentar novos desafios, tornar-se independente, ter histórias para contar, enfim, viver aventuras. Lucas Gonzaga, estudante de comunicação da UFRGS, viveu a experiência desse "turismo independente". Com dezoito anos, ganhou de presente uma passagem para a Europa. Mochila nas costas e algum dinheiro no bolso, meio no susto pela rapidez da decisão, embarcou para a Holanda com poucas expectativas e sem data para voltar. Acabou conhecendo uma infinidade de pessoas e vivendo diversas e inusitadas situações. Essa é a sua história de viagem.

"Sem documentos para provar que é brasileiro nada pode ser feito. Essa foi a resposta do funcionário do consulado brasileiro em Colonia, na Alemanha. Lucas, apenas com o pouco dinheiro que lhe restava no bolso, ainda voltou muitas vezes ao consulado para tentar uma solução. Havia sido roubado no trem, quando viajava de Munique para Düsseldorf na Alemanha. Enquanto dormia, alguém levou suas malas com roupas, dinheiro e os documentos, inclusive o passaporte. Nos dias que passou em Colonia, tentando obter ajuda do consulado, gastou o resto do dinheiro em comida e em albergue para dormir. Sem querer pedir dinheiro para o pai no Brasil, Lucas voltou para a Holanda escondido no banheiro do trem, fugindo do funcionário que circulava pelos vagões cobrando as passagens.

Estava hospedado em Amsterdam, na casa de uma senhora brasileira que alugava quartos para moças e rapazes do Brasil. Era carinhosamente chamada de Soft. Alugava os quartos da casa mais pela companhia do que pela necessidade de ganhar dinheiro. Gostava da casa cheia e movimentada. A capital holandesa foi a primeira cidade européia que Lucas conheceu. Foi a prima Larissa quem o convidou a ir para lá. Lucas recém havia sido aprovado no vestibular e, com o apoio da família, arrumou as malas e foi encontrar a prima na Europa. Larissa estava há um ano viajando e levou Lucas para a casa da senhora brasileira, onde ela também estava hospedada. Ficou um tempo com o primo na Holanda, antes de embarcar para Israel. Um dia, o levou para conhecer a família de um paquistanês que estava namorando. Lucas não conseguiu entender uma palavra do inglês enrolado que falavam, mas aceitou comer um "iogurte" que o insistente rapaz ofereceu. Não foi possível ir além de duas colheradas - o iogurte tinha pimenta. Surpresa maior foi quando serviram pequenos bichinhos fritos, que Lucas nem cogitou a possibilidade de experimentar. Mais tarde, Larissa contou que eram baratinhas, um prato comum no cardápio paquistanês.

Lucas foi conhecendo os países europeus aos poucos. Ficava uma semana em um lugar, depois voltava para Amsterdam e planejava a viagem seguinte. Procurava sempre viajar durante a noite, para poder dormir nos trens e economizar dinheiro. Quando não dava, hospedava-se em albergues. Passava os dias conhecendo os lugares. Esteve na França, Itália, Croácia, Bélgica, Dinamarca, Suécia, Áustria, Suíça, República Tcheca e Eslovênia. A Inglaterra, Lucas conheceu junto com a prima Larissa, antes de ela ir embora para Israel. Na primeira vez que saiu sozinho em Londres, duas bombas explodiram no metrô. Teve de descobrir como voltar à pé e de ônibus para o albergue, já que só sabia chegar até lá de trem. Na Inglaterra, trabalhou na colheita de maçãs, já que precisava juntar dinheiro para continuar viajando. Na Holanda, cuidou de cachorros, seguiu casacos em boates, limpou bares e ficou responsável por levar uma criança para a escola todos os dias. Quando conseguia dinheiro suficiente, embarcava novamente para um outro país.

Mas o lugar onde passou mais tempo foi, sem dúvida, a Holanda. O apartamento da rua Molukkenstraat, onde Soft morava, foi seu endereço oficial enquanto esteve na Europa. Ficou lá de janeiro a maio de 1996, convivendo com brasileiros de diferentes estados do país, inclusive com um traficante que estava fugindo do Brasil. Lucas chegou no inverno e logo descobriu que a grana era curta para comer bem. Uma vez, juntou dinheiro para comprar uma mortadela no supermercado. Sem entender nada de holandês, acabou comprando patê, mas só descobriu o engano quando chegou em casa. Foi uma festa para os amigos e uma decepção para Lucas, que odeia patê. Em outra ocasião, saiu com o traficante para bater fotos em um parque. Era final de inverno, mas os lagos de Amsterdam ainda estavam congelados. As pessoas costumam fazer piqueniques nas águas congeladas e Lucas quis bater uma foto em cima de um dos lagos. Quando pisou no gelo, ele cedeu e Lucas caiu na água gelada. Sua sorte foi que estava na beira do lago, onde não era muito fundo. O amigo teve de puxá-lo para fora e depois os dois voltaram correndo para casa, para não morrerem de frio. Frio, aliás, que acabava sendo um grande aliado em diversas ocasiões. Com temperaturas tão baixas que chegavam a -20°, Lucas e os moradores do apartamento da Soft colocavam garrafas de refrigerante na janela para gelar. Era mais rápido que na geladeira.

Em Amsterdam, Lucas tinha alguns documentos que comprovavam sua nacionalidade brasileira. Quando chegou de Colonia, depois de viajar como clandestino, foi procurar o consulado do Brasil e solicitar uma autorização que substituísse o passaporte para poder voltar para casa em Porto Alegre. Alguns dias depois, Lucas voltava de sua experiência européia para as primeiras aulas do curso de publicidade e propaganda na UFRGS.

O LADO SELVAGEM DE FLORIANÓPOLIS

Por Elisângela Soldatelli Paim

Longe das praias urbanas, como Canasvieiras e Ingleses, existem lugares selvagens e paradisíacos na Ilha de Santa Catarina. Esse lado pouco conhecido de Florianópolis é acessível apenas por trilhas ou de barco. Praias desertas como Naufragados, Moçambique, Lagoinha do Leste e Gravatá exercem verdadeiro fascínio nas pessoas que chegam até elas.

Um morro coberto de Mata Atlântica. Subida íngreme. Diversas bifurcações. A trilha do Costão do Santinho tem como pico o Morro das Aranhas, a 255 metros de altitude, de onde avista-se a Praia Brava, ao norte, e o centrinho da Lagoa da Conceição, ao Sul. De acordo com os moradores de Ingleses, se você pegar sempre o "caminho da esquerda" vai chegar mais facilmente na Praia de Moçambique, a mais extensa da ilha, com 11,5 quilômetros. Esse percurso dura, aproximadamente, cinquenta minutos e, às vezes, é perigoso porque caminha-se na beira de penhascos.

Subidas íngremes também estão presentes na trilha da Lagoinha do Leste, praia que tem a companhia de uma lagoa - que dá nome ao lugar considerado, pelos ilhéus, o mais bonito de Florianópolis. Com quase três horas de duração, a trilha inicia no costão direito da Praia do Matadeiro, ao lado da Armação, e o momento mais impressionante da caminhada é quando se avista, do alto do morro, a praia e a lagoa. O final dessa trilha é na vila dos pescadores de Pântano do Sul, onde, segundo os moradores, ainda são encontrados lobos marinhos.

Bem mais curta e fácil é a trilha da Ponta do Gravatá. Durante trinta minutos de caminhada, avista-se a Praia Mole e a naturista Galheta, passa-se no meio de capins altos - que mais parecem um imenso tapete verde - para, então, chegar à Praia do Gravatá, que possui apenas 60 metros de extensão e é habitada por um pequeno número de pescadores. A maior dificuldade dessa trilha é encontrar seu início - coberto por mato - conhecido apenas pelos moradores da Estrada Geral da Barra da Lagoa, próxima à praia Mole.

Sons... De pássaros, de água corrente, do vento batendo nas árvores. Assim são os três quilômetros de trilha, bem marcada, que leva até a Praia dos Naufragados, no extremo sul da Ilha. A praia, paradisíaca, recebeu esse nome porque em 1753, o mar de ondas fortes, causou o afundamento de duas embarcações que traziam 250 açorianos, dos quais apenas 77 sobreviveram e passaram a viver ali. Na ponta direita da praia, pode-se visitar o farol e os canhões, construídos durante a Segunda Guerra Mundial para defender o sul da ilha e impedir o acesso de inimigos ao continente pela barra. Na ilha de Araçatuba, em frente a Naufragados, encontra-se a Fortaleza Nossa Senhora da Conceição, construída no século XVIII, acessível por barco, onde é possível escutar uma boa aula de história.

Com certeza, por causa das suas mais de quinze trilhas e pela exuberância da natureza, Florianópolis merece ser chamada de Ilha da Magia.

O site www.guiafloripa.com.br/trilhas detalha as 14 principais trilhas de Florianópolis.

A VELHA BERLIM RENOVADA

Texto e fotos por Angelita Kasper

Berlim foi para a humanidade, no século XX, a cidade símbolo da bipolarização política e ideológica que dividiu o mundo. O muro já foi destruído, a Alemanha reunificada e a experiência comunista morta e enterrada, mas em Berlim a história do último século ainda agoniza, insiste em mostrar sua face deformada mas também sua face bela. E certamente muito tempo precisará transcorrer ainda para que as cicatrizes mais profundas desapareçam no tecido social. Por ter sido e continuar sendo um grande laboratório de experiências políticas, culturais, científicas e artísticas, Berlim desperta interesse e é ponto de parada obrigatório na rota daqueles que pretendem girar pelo mundo. Aqui estão algumas impressões de uma fabricana que viveu um ano nessa cidade.

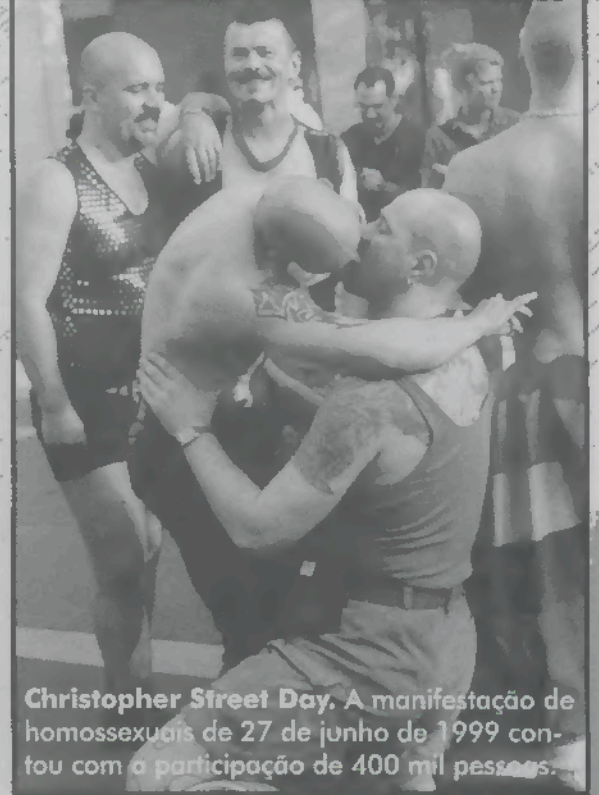
Berlim não é uma cidade com a beleza clássica que muitos procuram nas cidades europeias. Ela é antes o monstro parido por este século. Seu charme está justamente na sua feiura, na sua face horrenda. É preciso apurar o olhar para descobrir o sentido e a beleza da sua estética. Percorrer seus submundos e dar ouvidos aos seus personagens para encontrar sua riqueza cultural. Sua história absurda

acabou criando o espaço livre para as manifestações de estilos de vida que em outros lugares significariam possivelmente a exclusão social. Em Berlim, todos os excêntricos encontram seus semelhantes. Berlim fala todas as línguas, dança todos os sons, dá espaço ao velho e ao novo, dá lugar à razão e à loucura que se confundem neste fim de século.



Muçulmanas de Kreuzberg.

O bairro de Kreuzberg, onde vivem cerca de 200 mil turcos, é considerado a terceira maior "cidade turca" do mundo, depois de Istambul e Ancara. O movimento imigratório começou depois do fim da Segunda Guerra, quando a Alemanha necessitava de mão-de-obra masculina, e continua até hoje. Por serem muitos e estarem concentrados num bairro, os turcos conseguiram preservar fortemente sua cultura em Berlim.



Christopher Street Day. A manifestação de homossexuais de 27 de junho de 1999 contou com a participação de 400 mil pessoas.

Caos tecno-egocêntrico solitário. Cerca de 1,4 milhão de jovens estiveram em Berlim para a Love Parade de 29 de julho de 1999. A festa acontece todos os anos e, além do objetivo comercial, ela simboliza a reunificação alemã. Uma multidão caminha desde o lado oriental da cidade, outra desde o ocidental e todos se encontram onde antes havia o muro.

O QUE HÁ PELOS SEBOS DE PORTO ALEGRE

Por Emiliano Urbim e Filipe Maia - Fotos Sil Gosch

Muitos acreditam que as livrarias de sebo existem pelo fato de livros usados serem baratos. Essa obviedade, entretanto, mascara o que o manejo de volumes lidos por outras pessoas proporciona: histórias. Não as encontradas nas páginas amareladas de uma edição qualquer, mas aquelas ocorridas entre as estantes das livrarias do centro de Porto Alegre.



"Sétimo Luizelli convidou-me para, juntos, fundarmos a Livraria e Papelaria Aurora (...). Eis o ponto de partida de meu aprendizado com livros usados. Sétimo já conhecia o setor (...). Devo-lhe esses anos inaugurais, quando aprendi a comprar e vender uma mercadoria 'de segunda mão' e de vários caprichos".

O sebo mais antigo em atividade da cidade fica na rua Marechal Floriano, número 505. Trata-se da mais que cinquentenária Livraria Aurora, cujo dono é o filho de um dos fundadores. Eduardo Luizelli herdou de seu pai, além do gosto pelos livros, o espaço físico daquele que deve ser o sebo mais desorganizado de Porto Alegre.

São dois andares com pilhas e pilhas de livros que se espalham pelas estantes, ao lado delas, entre elas, atrás do balcão, na frente do balcão, em toda a parte. "De um lote de quarenta livros se aproveita somente uns dez.", diz Eduardo. O que vemos à nossa volta são os vários conjuntos de "outros trinta" que vão sobrando. Livros que não interessam a ninguém: didáticos de dez, vinte anos atrás, romances que o tempo esqueceu, manuais de crochê, exemplares de Zélia, Uma Paixão, revistas em quadrinhos amareladas.

Sobram livros nas prateleiras - e fora delas - por motivos econômicos, acredita Eduardo. A livraria Aurora já teve filiais, duas. Parte da bagunça da que sobrou se justifica pelo acúmulo em um lugar só do acervo que as três mantinham.

A crise bate à porta durante nossa conversa. Um casal estaciona o carro em fila dupla na frente da Aurora. Sandra e Vilmar Jornada, pais de alunos do colégio Seigné, abrem o porta-

malas cheio de livros usados e pedem que Eduardo diga quanto vale o lote. Eles já passaram por três livrarias anteriormente. Venderam poucos livros, nenhum com mais de dez anos de uso.

Sandra afirma que o dinheiro ganho com livros é gasto na aquisição de novos volumes. A mãe dos estudantes improvisa um discurso para vereadora: "A leitura tem de vir antes do McDonalds. É assim que as crianças têm de crescer, lendo, e não só vendo ou ouvindo. Até num almanaque tu vais aprender, nem que seja qual é o melhor remédio pra tosse." Ao final da avaliação rigorosa o casal sai com R\$10,00. "Viu como não dá pra guardar?", diz Sandra para a reportagem.

"O acaso, às vezes, faz pesquisas, percorre distâncias, arregimenta forças e promove surpresas absolutamente insuperáveis. Só posso aplaudi-lo e agradecer."

Os livros chegam aos sebos das formas mais diversas. Pode ser no porta-malas de um carro estacionado em fila dupla, mas o mais comum é que as pessoas tragam pequenas quantidades em sacos e sacolas, esperando descolar algum trocado.

Às vezes, o que está a venda são apartamentos inteiros de livros. Nesses casos, a venda geralmente é comandada pela viúva de algum rato de livraria. As mulheres desses aficionados em muitas oportunidades desprezam o hábito do falecido, como nos contou um livreiro que preferiu não se identificar. "Toda a vida da pessoa dedicada à leitura e a mulher pouco se importando. Uma ignorante, se eu não fosse lá com-

prar ela ia jogar no lixo, tocar fogo, de certo", diz o livreiro, indignado.

Nessas "compras de apartamento" é que geralmente são achados os volumes raros e valiosos, que o dono possuía e muitas vezes nem sabia, perdido que estava entre milhares de outros volumes.

Há também casos de livros roubados, trazidos por indivíduos atrás de dinheiro fácil. Os livreiros com mais experiência sabem direitinho quando os livros são produto de um crime, e sempre - pelo menos foi o que nos declararam - negam a compra quando fazem essa identificação. "Nada mais lógico", declara Ivo Almansa, dono da Martins Livreiro, "pois se eu estivesse comprando um livro roubado estaria incentivando o roubo à minha própria loja!"

"Ivo Almansa escuta atento ao cliente, que, olhando as estantes repletas de livros, declara:

- Estou procurando um livro que perdi...

E o Ivo, inocentemente:

- E o Sr. perdeu aqui na livraria?"

Ivo Alberto Almansa, que garante ter 45 anos, é proprietário da Martins Livreiro há 18 anos. A aquisição da livraria por ele é uma história complicada, mas tentaremos explicar.

O grande sonho de Manoel dos Santos Martins era ter seu próprio estabelecimento para venda de livros. Para concretizá-lo, vendeu sua parte da Livraria Aurora para o sócio Sétimo Luizelli. Dois anos depois, fundou a Martins Livreiro. Com o sucesso da empreitada, passou também a editar livros. Em 1982, decidiu se dedicar única e exclusivamente à Editora Martins Livreiro. Ofereceu a livraria para Donato Almeida Martins, que, apesar do sobrenome, não era parente do "velho" Martins. Donato, que não tinha dinheiro suficiente para bancar a compra, ofereceu sociedade a seu concunhado Ivo Almansa, à época, dono de uma firma de engenharia. Ivo, que estava cansado do mundo dos números, resolveu entrar para as letras: comprou a Livraria Martins Livreiro. Com o falecimento de Donato, Almansa se tornou majoritário no estabelecimento. Já Manoel Martins está morando em Cachoeria do Sul, onde administra a Editora. Entre os livros recentemente lançados pela empresa, está uma obra sua, "Memórias Novas e Usadas". É desse título que estão sendo retiradas as citações em itálico da reportagem.

"Eu comprei a livraria porque queria sossegar o pito", justifica Almansa, de braços cru-



zados, em pé atrás do balcão, sorrindo, ao lado da jovem filha Denise, simpática e sorridente.

Seu pito, no entanto, não é dos mais sossegados: no sábado de manhã em que a entrevista foi concedida ele teve de interromper a conversa várias vezes para atender desde clientes que ele conhecia pelo primeiro nome até gente perguntando se a Martins Livreiro era ali mesmo. Ivo adora a profissão que escolheu: “É muito gratificante trabalhar com livros usados.”, diz ele com os olhos brilhando, no meio do estoque da loja. No meio da entrevista, empolgado, ele deixa o atendimento para sua bela filha que foi procurar um livro de Paul Auster na seção de política, mas tudo bem, a reportagem perdoa.

Almansa reconhece que hoje as pessoas lêem menos e que a maioria dos seus clientes só procura a loja quando tem de adquirir algum livro por necessidade. Ele cita como exemplos advogados, que precisam de livros por motivos profissionais e quase sempre escolhem o livro por centímetro de espessura: quanto menos páginas melhor. Outros frequentadores habituais dos dias de hoje são os vestibulandos, que, segundo ele, nunca ouviram falar de Machado de Assis até o professor tocar no nome e se surpreendem com a quantidade de livros que o autor escreveu.

Cada vez mais vão rareando os ratos de livraria, ávidos leitores de todo o tipo de literatura, frequentadores habituais que se tornam amigos dos donos de sebos. O dono da Martins Livreiro lembra de uma história de um desses tipos. Uma vez ele decidiu levar para casa um livro que ensinava a fazer pães caseiros. Almansa fez pouco caso do amigo, dizendo que esse era mais um que ele nem ia ler, e mesmo que lesse, nunca ia fazer nem a receita mais simples. “Pois não é que o homem me trouxe na outra semana numa bandeja bem grande um pão bonito, com torresmo e tudo”, recorda o livreiro.

Apesar de todas histórias, os sebos devem se adaptar aos tempos modernos. Um bom exemplo dessa tendência é a rede de livrarias Beco dos Livros. Nascida em 1992, a Beco dos Livros tem como proprietários o casal João Pedro e Neiva Maria Dullius. A livraria surgiu como uma forma de ambos lidarem com aquilo que mais gostam. João Pedro, conhecido como “Peter”, sempre foi um apaixonado por livros. Entretanto, ele é formado em – adivinhem – Engenharia. Quem tem formação na área é Neiva

Maria, professora, que quis manter o contato com os livros após aposentar-se. E foi com ela que conversamos, já que, segundo as atendentes, Peter é tímido e não gosta de falar.

“No início, nós compramos montes de livros só para fazer estoque” comenta Neiva. Mas ao contrário da Aurora, os volumes em excesso não ficam atravancando o caminho. Aliás, observando-se qualquer uma das três lojas – duas na Riachuelo e uma na General Câmara – pode-se perceber as diferenças com relação às outras visitadas: têm corredores amplos, as atendentes são atenciosas e sabem como ajudar, os livros são facilmente encontrados, mesmo sem auxílio, e o ambiente é bem iluminado. Mas manter essa organização não é fácil, garante Neiva. “Uma livraria exige muito da gente: tem que repor o estoque, avaliar livros que serão comprados. É desgastante.” Mas, obviamente, existe a recompensa financeira. “O que vai regular o preço é a lei da oferta e da procura. Esse é o bom do livro usado: você tem um produto de qualidade por um preço acessível a todos” explica a ex-professora, mostrando um pouco de sua didática. Alguns românticos podem dizer que a rede Beco dos Livros não é um conjunto de sebos, mas sim de livrarias de livros usados, dado o caráter comercial e explicitamente empresarial do empreendimento. Ainda que pouca semelhança tenha com as instituições do passado, são essas lojas que apontam para o futuro.

Um futuro onde, claro, não vão faltar histórias para encher páginas e páginas como essa.

Prá não dizer que não falei de preços.

Uma comparação entre os preços da maior rede de livrarias do Brasil com o maior sebo de Porto Alegre mostra o que todo mundo já sabe: a economia é impressionante.

Título	Siciliano	Beco dos Livros
Moby Dick, de Herman Melville	22,00	4,00
O Velho e o Mar, de Ernest Hemingway	10,00	7,00
Hamlet, de Shakespeare	5,00	5,00
O Continente I, de Erico Verissimo	20,70	12,00
Dom Casmurro, de Machado de Assis	7,00	2,00
Crime e Castigo, de Fiodor Dostoiévski	22,00	15,00
Madame Bovary, de Gustave Flaubert	15,00	7,00
Notícias do Planalto, de Mario Sergio Conti	35,00	25,00
O Mundo de Sofia, de Jostein Gaarder	39,00	20,00
O Tambor, de Günter Grass	38,00	20,00
Cem anos de solidão, de Gabriel García Marquez	29,00	9,00

POR TRÁS DO FESTIVAL

Teatro de Bonecos:
uma vocação gaúcha

Por Angelita Kasper e Yayoi Asada
Fotos Angelita Kasper

O Rio Grande Sul é atualmente reconhecido no Brasil e no exterior como um pólo de desenvolvimento do teatro de bonecos graças ao trabalho da Associação Gaúcha de Teatro de Bonecos (AGTB). A Associação existe há quinze anos e foi responsável pela organização de onze edições (de 1987 a 1998) do Festival Internacional de Teatro de Bonecos de Canela. Por ter propiciado um grande intercâmbio de idéias e experiências entre grupos nacionais e internacionais, o Festival foi a grande escola, o embrião que deu origem ao núcleo de pessoas que trabalha hoje no Estado com esta arte teatral milenar.

A AGTB deixou de organizar o Festival - desde o ano passado ele é organizado apenas pela Prefeitura de Canela - porque as autoridades da cidade teriam descuidado da questão artística, dirigindo maior atenção para o potencial turístico que o Festival representa. Atualmente o grande cenário de atuação dos 27 grupos gaúchos é a Semana de Teatro de Bonecos de Porto Alegre, que acontece há quinze anos por ocasião do dia do teatro de bonecos, 27 de abril. Vale salientar que o amadurecimento desta forma teatral no estado se deu fora do meio universitário.

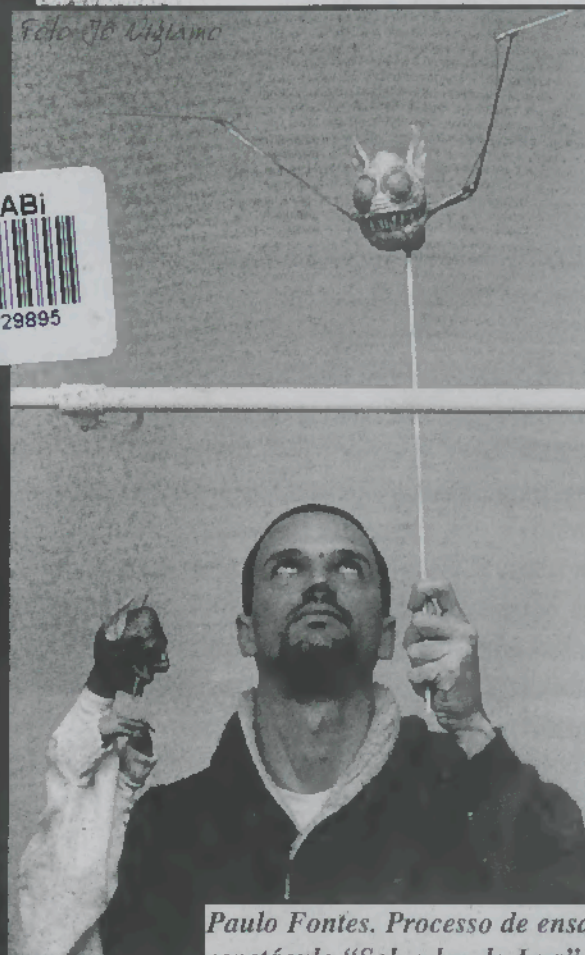
Quem pretende trabalhar com teatro de bonecos precisa buscar o conhecimento em oficinas particulares, pois nas Universidades as disciplinas são escassas ou inexistentes. No curso de Artes Dramáticas da Ufrgs há apenas uma disciplina que oferece algumas técnicas de confecção de bonecos, mas que não ensina a atuação. E no Brasil a Universidade de São Paulo é a única a oferecer uma disciplina mais aprofundada sobre o tema.

Gente Falante

Membros da AGTB preocupados em transmitir o conhecimento ministram periodicamente oficinas aos interessados. É o caso de Paulo Fontes, que junto com Eduardo Custódio e Gabriel Ávila forma o grupo Gente Falante.

Fontes está atualmente oferecendo a oficina "Construção da forma e do movimento", onde ele faz uma passagem pelas quatro principais linguagens do teatro de animação: teatro de bonecos, figuras, formas e sombras.

Foto Jo Viziama



Paulo Fontes. Processo de ensaio do espetáculo "Sob a luz da Lua"

TIM - Teatro de Bonecos

O TIM - Teatro de Mariónetes é um dos mais antigos grupos especializados em marionetes de toda a América Latina e um dos propulsores de todo movimento bonequeiro do Rio Grande do Sul. Antônio Carlos de Sena, diretor do grupo, foi o organizador do Festival de Canela até a sua décima primeira edição, com isso influenciando novos grupos.

Giba Gibão Gibóia

O grupo Giba Gibão Gibóia teve um começo quase fraternal. Cícero Pereira da Silva e o amigo Jefferson Silveira foram colegas de escola, depois fizeram teatro juntos e nunca deixaram de manter um contato muito próximo, mas suas vidas profissionais pareciam rumar para lados diferentes. Ambos casaram e tiveram filhas mais ou menos na mesma época. Foi no aniversário de um ano da filha de Cícero que Jefferson resolveu dar um presente diferente que acabou mudando a vida dos dois: um palco com bonecos feitos por ele. Cícero retribuiu o presente da mesma maneira seis meses depois. Logo estavam apaixonados pela magia dos bonecos.

Conheça melhor cada grupo
acessando www.3por4.cjb.net

